

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL PARA
A EDUCAÇÃO**

EMILIANA SIQUEIRA HENRIQUE DE FARIA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMNETO DE VIKTOR FRANKL PARA A
EDUCAÇÃO**

EMILIANA SIQUEIRA HENRIQUE DE FARIA

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação

Área de Concentração: Práxis Pedagógica e Gestão de Ambientes Educacionais.

Orientador: Prof. Dr. Levino Bertan

370.1
F224c

Faria Emilian Siqueira Henrique de.
As contribuições do pensamento de Viktor
Frankl para a educação / Emilianna Siqueira
Henrique de Faria. – Presidente Prudente : [s. n.],
2006.
84f.

Dissertação (Mestrado em Educação) –
Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE:
Presidente Prudente – SP, 2006.

Bibliografia

1. Viktor Frankl, educação. 2. Sentido da vida,
auto-transcendência. I. Autor. II. Título.

EMILIANNA SIQUEIRA HENRIQUE DE FARIA

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL PARA A
EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, __ de _____ 2006.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Levino Bertan

Profa. Dra. Heliane Moura Ferreira

Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho

DEDICATÓRIA

À minha querida avó Jenny Belloni,
uma pessoa muito especial em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus por possibilitar a minha existência e de tantas pessoas queridas, que com certeza contribuíram muito na produção deste trabalho.

Ao meu pai por ter sido atencioso e afetivo. À minha avó Jenny pelo seu carinho. Ao meu avô Anízio (in memoriam) por toda a sua presença marcante e existente até hoje em minha vida. À minha irmã Emanuella, uma grande amiga, pela compreensão nos momentos difíceis da realização desta pesquisa. Ao meu namorado Henrique pela tradução do resumo em inglês e por sua presença.

Ao Prof. Dr. Levino Bertan, pela orientação e pela amizade, construída ao longo desse trabalho.

Aos colegas Cícera Rodrigues Yoschimoto, Thiago Aquino e Izar Xausa que contribuíram com informações sobre a vida e obra do autor Viktor Emil Frankl.

Aos professores, Dr. José Camilo dos Santos Filho e Dra. Heliane Moura Ferreira, pelas contribuições oferecidas no Exame de Qualificação.

Ao autor Viktor Emil Frankl, que através de sua história de vida e de sua obra, me fez ver a construção de um mundo mais humano.

[...] costumo lembrar que as árvores que estão muito juntas na floresta não têm outra saída a não ser crescer para o alto!

(FRANKL)

RESUMO

A formação humana do aluno é um tema importante dentro de nossas preocupações atuais enquanto educadores. Ironicamente, a violência individual e sua manifestação grupal, a guerra, vêm sendo praticadas por pessoas que tiveram acesso à educação formal, revelando que a formação intelectual em si mesma não tem garantido um comprometimento com as questões sublimes e éticas do processo civilizatório. Com isso, torna-se necessária um posicionamento do educador, em relação aos aspectos filosóficos e pedagógicos, para promover uma interferência concreta na formação dos educandos. Este trabalho tem o intuito de propor uma reflexão sobre estes aspectos filosóficos e pedagógicos na obra de Viktor Emil Frankl, através de um estudo de suas principais obras. O autor Viktor E. Frankl vive durante a Segunda Guerra Mundial, passando por campos de concentração e, frente esta realidade desumanizadora, produz uma teoria chamada logoterapia. Inicialmente, a logoterapia esteve voltada à psicoterapia através do sentido da vida, porém seus postulados tomaram proporções maiores sendo utilizados em outros campos de conhecimento, como por exemplo a Educação. Cabe ressaltar que foram encontradas poucas obras que relacionam diretamente os pensamentos de Frankl à Educação, e isto se constituiu um dos desencadeadores da realização deste trabalho. Frankl escreveu mais de trinta e dois livros, sendo possível extrair de suas obras fundamentos educacionais que têm como suportes filosóficos a fenomenologia, o existencialismo e o humanismo existencial. Segundo o autor, a existência humana vacila, desmorona, se não for vivida no cotidiano com sentido e com qualidade de auto-transcendência.

Palavras-chaves: Viktor Frankl, educação, sentido da vida e auto-transcendência.

ABSTRACT

The human formation of the student is an important theme within the current issues that we face as educator. Ironically, the individual violence and its group manifestation, the war, has been executed by people who had access to formal education, showing that the intellectual formation by itself doesn't ensure a commitment with the sublime issues and ethics of the civil process. Hence, a statement from the educator, related to the philosophical and pedagogical aspects of Viktor Emil Frankl's work, is needed. Having experience the inhuman reality of the concentration camps during the Second World War. Viktor E. Frankl produced a theory called logotherapy. Initially, the logotherapy was related to the psychotherapy through the meaning of life. However, its postulates started to be used in a broader sense in other fields of knowledge, such as Education. This research is one of a few projects which directly relate Frankl's thoughts to Education. Frankl wrote more than thirty two books. It is possible to extract educational bases from his books which have philosophical supports as the phenomenology, the existentialism and the existential humanism. As stated by Frankl, the human existence falls apart if it is not lived meaningfully day by day with and with self-transcendent quality.

Key - words: Viktor Frankl, education, meaning of life and self-transcendent.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 VIKTRO FRANKL – VIDA E OBRA	18
2.1 Perfil biográfico de Viktro Frankl	18
2.2 Produção Literária de Viktro Frankl	21
3 AS PRINCIPAIS FILOSOFIAS ENCONTRADAS NA OBRA DE FRANKL	26
3.1 Fenomenologia	26
3.2 Existencialismo	38
3.3 Humanismo Existencial	43
4 O SENTIDO DA VIDA	56
5 A AUTO-TRANSCENDÊNCIA	63
6 AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE VIKTRO FRANKL PARA A EDUCAÇÃO	69
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é demonstrar como os fundamentos da educação que desenvolveram-se no tempo e no espaço, continuam tendo relevância para a educação e para a vida. Os aspectos filosóficos e pedagógicos da escola, fundamentadas em teorias, são diretrizes que orientam a formação humana e a cidadania do aluno. O professor, por estar diretamente em contato com o aluno, tem a tarefa de promover a educação, não só através de um olhar intelectual, mas de construí-la sobretudo na transmissão de condutas, valores e procedimentos.

Através deste olhar sobre a importância da figura do professor na escola e, principalmente na vida dos alunos, iniciamos a construção desta pesquisa. A reflexão da pesquisa direciona-se essencialmente ao educador, o elemento eficaz para a formação do aluno no seu dia-a-dia escolar.

O interesse sobre formação humana nos indivíduos surge da própria experiência atual: a agressividade entre humanos tanto nas relações interpessoais quanto nas suas manifestações grupais e organizadas, as guerras, já fazem parte de nossa história cotidiana. Aconteceram a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, chamando atenção o fato da Segunda Guerra ter sido organizada por países desenvolvidos, em que a maioria da população tinha acesso à Educação, constatando-se que os dirigentes eram pessoas que chegaram a cursar o ensino superior. Neste sentido, se a concepção de universidade contém uma idéia de aprimoramento das questões do humano, isto tem se revelado ineficaz . Ainda, em relação à Segunda

Guerra, ironicamente, participaram efetivamente profissionais e cientistas, tais como físicos que desenvolveram a bomba atômica.

Além da presente destrutividade entre povos, vemos também a própria instituição família entrar em falência. Considerando que a escola atende à sociedade e à família, ela precisa repensar o seu papel social para contribuir de forma mais efetiva à demanda atual. Diante dessa realidade, o papel do educador reafirma-se com extrema importância: seu trabalho deverá visar também a formação humana e o sentido da vida do cidadão, contribuindo assim para a construção de um mundo mais condizente com princípios norteadores da preservação do ser humano.

A presente pesquisa preocupa-se, em especial, com a formação humana do aluno. Dentre os autores que enfatizam o fator humanizante destacamos pensadores como Carl Rogers (2002), Paulo Freire (1967), Jacques Maritain (1968) e outros, entretanto, decidimos analisar a obra de Viktor Emil Frankl. Apesar do autor ser da área da Psicologia, traz contribuições importantes sobre as questões humanas que podem favorecer a postura educacional dos professores, pais, alunos e cidadãos em geral.

Viktor Emil Frankl é o fundador da Logoterapia, conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. O termo logoterapia significa “cura através do sentido” ou “cura através do significado”; é uma psicoterapia centrada no sentido (FRANKL, 1989). Frankl, judeu, fundamenta e constrói sua teoria após ter sido prisioneiro de campos de concentração na Segunda Guerra Mundial. A experiência vivida contribuiu para fundamentar sua idéia de que o humano tem necessidade de encontrar um sentido do porquê e do para quê viver. O autor, falecido em 1997, é tido

como um dos grandes pensadores do século XX e sua obra é considerada moderna e atual.

O tema do trabalho ficou definido em: “As contribuições do pensamento de Viktor Emil Frankl para a Educação”. A partir desta temática, foi possível formular o problema: “Qual a contribuição de Viktor Frankl para o momento atual em termos educacionais?” O objetivo deste trabalho, então, fixou-se em: analisar os aspectos filosóficos e pedagógicos da teoria de Viktor Emil Frankl, a imagem de ser humano que ele transmite e suas conseqüências na Educação.

Na filosofia, a solução de problemas é a articulação de algum método, de algum instrumento, que possa determinar os critérios da veracidade. A base deste método é a confiança na capacidade da razão conhecer a realidade.

Para Giles (1984, p. 15-16):

Todo método, seja na Filosofia ou em qualquer outro campo, tem por finalidade formular e tentar afirmações, previsões e explicações, e no caso específico da Filosofia, descobrir meios de chegar a uma reflexão mais precisa e eficaz sobre o eu, o outro e o mundo da natureza.

Na formulação de um método o importante é a intuição, isto é, a capacidade de perceber espontânea e imediatamente o conhecimento de certos princípios fundamentais.

René Descartes (1979, p. 39), formulou em termos explícitos, um método para auxiliar a razão na sua tarefa de compreender a realidade.

[...] o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se chama o bom senso, ou razão, é naturalmente igual em todos os homens; e assim que a diversidade das nossas opiniões não provém de uns serem mais razoáveis do que os outros, mas apenas de que conduzimos os nossos pensamentos por vias diversas e não consideramos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, mas o principal é aplicá-lo bem.

A filosofia exige ou a justificação dos juízos a respeito do objeto da razão ou caso contrário, que haja motivos para rejeitá-los. A evidência é que desempenha esta tarefa, é a fonte de conhecimento mais fundamental, o ponto de partida de toda reflexão.

Segundo Modin (1926) a antropologia filosófica se difere das ciências experimentais por ter um método transcendental, o qual tem caráter dedutivo: move-se a partir dos fenômenos e os estuda profundamente com a finalidade de descobrir suas raízes últimas. No caso do homem, busca uma justificação última de todos os seus comportamentos, inferindo as condições que o tornam possíveis.

A metodologia desta pesquisa, então, fundamentou-se em uma análise interpretativa, de cunho filosófico, do material bibliográfico encontrado. Inicialmente, fizemos um levantamento dos escritos do autor Viktor Emil Frankl, das trinta e duas obras escritas, encontramos apenas nove livros. Entramos em contato com o Centro Viktor Frankl de Logoterapia no Brasil, localizado em Porto Alegre, através de Izar Xausa, primeira autora a publicar um livro sobre Logoterapia no Brasil, que nos comunicou que muitos livros de Frankl estão esgotados, passando uma home-page de um colecionador em São Paulo e um e-mail de um pesquisador em Fortaleza. Quanto ao colecionador, a home-page não foi encontrada. Já em relação ao pesquisador de Fortaleza, Thiago Aquino, foi feito um contato por e-mail, onde ele salienta que nossa pesquisa é inovadora, havendo pouco estudo relacionando a obra do autor com a Educação. Como contribuição, enviou uma pesquisa do autor Bruzzone (2001), realizada na Itália, onde o autor afirma que na educação é fundamental transmitir aos alunos valores transcendentais e de responsabilidade.

Também mantivemos contatos com a Professora Cícera Rodrigues Yoschimoto, pesquisadora da Unoeste de Presidente Prudente, que vem desenvolvendo um trabalho a respeito do autor. Além de cooperar com a indicação e empréstimos de outras obras e materiais sobre o autor, conversamos bastante sobre as contribuições de Frankl para o mundo contemporâneo. Com isso, conseguimos elementos suficientes para desenvolver nossa pesquisa bibliográfica.

Optamos pela pesquisa qualitativa pois ela responde melhor aos objetivos deste trabalho pois como afirma Minayo (1997, p. 21-22):

Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, reduzidos à operacionalização de variáveis.

São justamente esses significados de crenças, valores, atitudes, aspirações, que envolvem as obras do autor estudado. A pesquisa qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, que constituem o foco principal das obras de Frankl.

No segundo capítulo enfocamos “Viktor Emil Frankl: vida e obras”, para que através de um traçado biográfico do autor, conheçamos mais de perto sua vida pessoal e profissional. Quanto à vida pessoal, podemos verificar que um dos pontos mais marcante em sua vida é o fato de ter passado por campos de concentração na Segunda Guerra Mundial. Esta foi uma experiência traumática que Frankl soube superar através de uma busca de sentido para a própria vida, com a ajuda de valores transcendentais. Esta experiência pessoal contribuiu de forma decisiva em sua vida profissional, ou seja, a construção da logoterapia, que visa a cura através da busca de sentido na vida.

No terceiro capítulo: “As principais correntes filosóficas encontradas na obra de Viktor Frankl”, demarcamos a fenomenologia, o existencialismo e o humanismo existencial, localizando os autores que mais influenciaram as obras de Frankl, tais como Edmund Husserl (1891), Martin Heidegger (1915), Maurice Merleau-Ponty (1990), Kierkegaard (1855) e Jaspers (1969). Para Frankl (1992), a logoterapia traduz o conhecimento elaborado pela fenomenologia, pelo existencialismo e humanismo existencial, referente às possibilidades de encontrar um sentido na vida, transformando em linguagem simples e comum, para capacitar a pessoa a encontrar seu sentido na vida.

No quarto capítulo: “O sentido da vida”, caracterizamos e analisamos este conceito considerado por Frankl fundamental para o bem-estar do humano. O autor descreve esta busca de sentido na vida como concreta, ou seja, através de uma ação. O indivíduo pode produzir esta ação de sentido direcionando-se a um trabalho, doando-se à alguém - a experiência de amor em relação ao próximo pode preencher a vida do humano de sentido, ou ainda em uma situação de sofrimento, em que a tristeza pode gerar questionamentos existenciais importantes e o indivíduo encontrar sentido na vida. Com isso, o vazio existencial passa a não existir mais e o homem é capaz de viver mais feliz em seu dia a dia.

O quinto capítulo: “A auto-transcendência” analisa a questão dos valores transcendentais e a responsabilidade do indivíduo, que através de sua consciência coloca em prática atitudes fundamentais para o seu desenvolvimento.

No sexto capítulo: “As contribuições do pensamento de Viktor Frankl para a Educação”, contextualizamos e relacionamos as contribuições do autor relacionando-

as com outros autores da área educacional, tais como Tedesco, Postman, Moraes, Novaes, Morin e Bertan.

“As considerações finais”, propõe uma reflexão, através das contribuições de Frankl, sobre o papel da escola na vida do indivíduo e principalmente o sentido da função do professor que se encontra em contato direto com o aluno.

A Logoterapia, inicialmente concebida para o tratamento psicoterápico, foi tomando rumos mais amplos, sendo utilizada em outras áreas do conhecimento científico. Encontramos a sua teoria relacionada a estudos de Nutrição, Educação Física, Enfermagem, entre outros. O desafio deste trabalho esteve em transportar os aspectos filosóficos e pedagógicos da obra de Frankl, viabilizando, através desta visão de homem, uma melhor compreensão e resolução dos problemas da escola moderna, em especial, quanto ao problema da desumanização crescente que percebemos no percurso atual de nossa civilização.

2 VIKTOR EMIL FRANKL: VIDA E OBRAS

2.1 Perfil Biográfico de Viktor Frankl

Viktor Emil Frankl nasce em 1905, no dia vinte e seis de março, em Viena (Áustria), sendo o segundo de uma prole de três filhos. O primeiro filho, Walter August, nasce em julho de 1902 e Stella Josefine, sua irmã mais nova, em de 1909. Sua mãe Elsa Lion, nasce na cidade de Praga em 1879 e seu pai Gabriel Frankl em 1861, no interior da Áustria.

Entre 1914 e 1918 a família Frankl vive uma crise econômica, devido à Primeira Guerra Mundial, e se transfere para a área rural. Neste período, Viktor está no ginásio. Os anos de 1915 à 1923 testemunham um momento marcante em sua vida, quando começa a se interessar pela Filosofia e a Psicologia. É nesta época que mantém os primeiros contatos com Freud e a Psicanálise.

Doutorou-se em Filosofia, Psiquiatria e Neurologia, interessando-se desde cedo pela medicina. Faz estudos paralelos em filosofia, tornando-se leitor crítico de Freud, Jaspers, Reich, Heidegger e Adler, entre outros pensadores, o que vem a ser revelado posteriormente pela influência da filosofia fenomenológica e existencialista em sua obra. É possível localizar na abordagem logoterapêutica a influência de concepções advindas da fenomenologia, do existencialismo e do humanismo existencial.

Até o ano de 1938, Frankl faz conferências que envolviam questionamentos existenciais sobre o sentido da vida. Porém, neste mesmo ano, a Áustria é invadida pelos nazistas e os judeus de Viena são obrigados a portar um distintivo para serem facilmente identificados. A Segunda Guerra Mundial está deflagrada.

Em 1942, Frankl casa-se e neste mesmo ano é enviado com toda a família para o campo de concentração, com exceção de sua irmã que havia ido morar na Austrália. Frankl, judeu, passa por quatro campos de concentração entre 1942 e 1945, inclusive os considerados mais violentos como o de Theresin (1942-1944) e o de Auschwitz (1944).

Em 1943, o pai de Frankl morre de inanição e, no ano seguinte, perde sua mãe e o seu irmão em câmara de gás, nos campos de concentração. A sua esposa também faleceu em campos de concentração. Após a trágica experiência vivida nos campos de concentração quando perde a mulher amada, os pais, o irmão, além de alguns amigos, Frankl escreve o livro *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (1991). Pretendia não revelar o nome do autor dos escritos mas, por incentivo de alguns amigos remanescentes dos campos de concentração assume a autoria do livro, que em pouco tempo se torna-se um *best-seller*. Nos Estados Unidos, por exemplo, este livro vem ajudando muitas pessoas com dificuldades psíquicas. De acordo com uma pesquisa do *New York Times* de novembro de 1991, com o tema “o livro que fez mais diferença na vida das pessoas”, o livro de Frankl alcançou o nono lugar entre os dez livros de maior utilidade e influência. O primeiro lugar foi ocupado pela Bíblia (LUKAS, 2005).

Neste livro, Frankl descreve os horrores da guerra e sua experiência nos campos de concentração, relata alguns momentos marcantes, observando que as pessoas que buscavam um sentido na vida eram mais resistentes e não eram levadas aos campos de extermínio e às câmaras de gás.

Após a sua libertação dos campos de concentração em 1946, funda e torna-se Diretor do Hospital Policlínico Neurológico de Viena, cargo que mantém por vinte e cinco anos. Em 1947, casa-se pela segunda vez com Eleonore e, em dezembro deste mesmo ano, nasce sua filha Gabriele. No ano seguinte defende sua tese de doutorado em filosofia intitulada *O Deus Inconsciente*, onde salienta que para ser uma boa pessoa não basta ter a consciência tranqüila, mas dirigir-se à alguém, sendo a consciência tranqüila não o motivo da bondade e sim uma conseqüência. Cabe ressaltar que Frankl tinha raízes judaicas em sua religiosidade, estabelecendo uma relação com um Deus cuja concepção exige objetividade de ações, fato este que parece inspirar sua obra quando direciona os caminhos para o sentido da vida.

Osmon e Craver (2004, p. 113) reúnem as crenças básicas do judaísmo em cinco conceitos:

1. A crença em Deus.
2. A crença de que existe apenas um Deus.
3. A crença de que Deus criou o mundo, mas o mundo não é eterno.
4. A crença de que existe apenas um universo.
5. A crença de que Deus zela pelo mundo e por todas as suas criaturas.

A ênfase da logoterapia, do sentido da vida, da humanização das pessoas e dos valores transcendentais, demonstram que essas crenças do judaísmo influenciaram profundamente a filosofia de vida de Frankl e seus princípios educacionais. Essas crenças que trazem a imagem de um Deus idealizado, incorpóreo, místico, de um Deus que não é apenas uma entidade espiritual, mas também onisciente, onipotente e eterno. A imagem de um Deus justo que distribui a justiça às

pessoas de acordo com seu modo de vida. O judaísmo que prega a humanização e a paz no mundo.

Esses princípios religiosos estão intimamente ligados com o transcendentalismo de Frankl, quando o autor fala de valores transcendentais.

Foi professor de Neurologia e Psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade de Viena e de Logoterapia na Universidade Internacional da Califórnia. Recebeu o título de doutor honorário pela Loyola University (Chicago), Edgecliff College, Rockford College, Universidade Católica de Porto Alegre, Universidade de Buenos Aires e Universidade de Mendoza. Fez muitas viagens a convite de mais de duzentas universidades, estando no Brasil em 1984. Proferiu palestras em cento e trinta e oito campos universitários, sendo estes norte-americanos, australianos, asiáticos, africanos e brasileiros. Veio a falecer no dia 2 de setembro de 1997, aos 92 anos, e é considerado um dos grandes homens do século XX.

Viktor Frankl tornou-se conhecido em vários países através da difusão da importância do indivíduo buscar sentido à vida. Segundo Lukas, 2005, p. 145, no seu livro *Histórias que curam porque dão sentido à vida*:

Com ele encerrou-se uma era que, no que diz respeito à psicoterapia e à psiquiatria, teve muito a ver com genialidade, conhecimento do homem, intuição e sabedoria, e pouco com processos técnicos, artificialismo e eficiência de controle estatístico.

2.2 Produção Literária de Viktor Frankl

Frankl fundou a Escola de Psicoterapia Logoterapia, que significa “*terapia através do sentido*” ou “*cura através do significado*”, é uma psicoterapia centrada no sentido (FRANKL, 1989). Além da dimensão psíquica e filosófica, Frankl, traz no

entendimento do humano a dimensão noética ou dimensão espiritual, e toca na essência do que é ser humano, ou seja, usar a capacidade de transcender uma situação extremamente desumanizadora, manter a liberdade interior e, desta maneira, não renunciar ao sentido da vida. Esta dimensão noológica, que inclui o ser humano em sua totalidade, corpo, psiquismo e espírito (noos), situa-se além do psico-físico, numa visão mais ampla que inclui o espiritual, não apenas numa dimensão religiosa, mas também valorativa, intelectual e artística (FRANKL, 1992). Preocupa-se com a pessoa na sua existência concreta, no seu cotidiano, no seu vivido.

A logoterapia considera sua tarefa ajudar o paciente a encontrar sentido na vida. Na medida em que a logoterapia conscientiza do *logos* oculto de sua existência, trata-se de um processo analítico. (FRANKL, 2002, p.95).

Atualmente, considera-se que a Logoterapia de Frankl é a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. As duas primeiras escolas são: a Psicanálise de Freud e a Psicologia Individual de Adler. As diferenças entre as três escolas estão na própria visão de homem em que se sustentam: a Psicanálise vê o homem como aquele que está em busca de prazer; a Psicologia Individual concentra-se em uma visão onde o homem busca prestígio; e a Logoterapia caracteriza como motivação fundamental do humano - o desejo de encontrar um significado para a própria vida.

Durante toda a sua vida publicou mais de trinta e dois livros, que foram traduzidos para vinte e sete idiomas. Dentre eles destacamos: *Fundamentos antropológicos da psicoterapia (1978)*; *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo (1989)*; *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial (1989)*; *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl (1990)*; *Psicoterapia para todos (1991)*; *A psicoterapia na prática (1991)*; *A presença ignorada*

de Deus (1992) e Logoterapia e análise existencial (1995). Cabe ressaltar que a maioria dos seus livros estão esgotados, sendo que alguns colecionadores possuem as suas obras mais antigas.

No livro *Fundamentos antropológicos da psicoterapia (1978)*, Frankl descreve o humano como aquele que continuamente busca um sentido para a vida, sendo esta a característica que o diferencia dos outros seres vivos. Em *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo (1989)*, enfatiza que é fundamental tratar o indivíduo a partir de uma visão humanista para a sua cura psicoterápica.

Nos livros *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial (1989)*, *Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl (1990)*, *Psicoterapia para todos (1991)*, *A psicoterapia na prática (1991)*, *Logoterapia e análise existencial (1995)*, Frankl estabelece mais exaustivamente os conceitos que constituem a logoterapia, e através de exemplos práticos demonstra a aplicabilidade da técnica logoterápica.

O livro *A presença ignorada de Deus (1992)* surgiu da tese de doutorado de Frankl, *O Deus Inconsciente*. Nesta obra comenta a presença de um Deus inconsciente dentro de todos os indivíduos, mesmo naqueles que não dão o nome Deus, Frankl relata que estes apresentam alguma crença em uma força maior. Através de relatos de pacientes terminais verifica a presença deste Deus inconsciente.

A logoterapia de Frankl apresenta alguns conceitos fundamentais, entre eles: *auto-transcendência* que está relacionada à dimensão espiritual; *auto-distanciamento*, a capacidade de se distanciar dos próprios problemas e se dedicar a uma tarefa, a uma situação ou a uma pessoa; *intenção paradoxal*, técnica para enfrentar os problemas através do desafio, gerando auto-confiança no indivíduo; *humor*

que é visto como uma característica muito importante do humano e que ocorre na medida em que se aplica a intenção paradoxal; *liberdade*, vista pelo autor pelo ângulo de liberdade interior, que torna possível criar e construir saídas para situações difíceis; *consciência* que ocorre inteiramente ligada à liberdade, necessita dessa parceria e, portanto, agem conjuntamente; *valores* - caracterizando-os em “valores criativos”, “de experiência” e de “atitude”, os quais estão intimamente ligados à consciência e à responsabilidade; *responsabilidade* relacionada aos conceitos de liberdade, consciência e *vazio existencial*, a crise que atinge as pessoas, que vivenciam uma falta de sentido geral em suas vidas (FRANKL, 1990).

De forma geral, as obras abordam a dimensão espiritual do homem. O autor faz uma crítica à visão de homem do século XX quando deixa registrado em sua obra que: “A Psicologia Profunda segue o Homem até as profundezas de seus instintos, mas muito pouco às profundezas de seu espírito” (FRANKL, 1992, p.7).

A partir das datas de publicação dos nove livros encontrados, podemos observar que as obras de Frankl chegaram ao Brasil entre as décadas de 80 e 90. No entanto, Frankl produz seu primeiro livro, *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, no pós-guerra, na década de 50. Há, portanto, um hiato de três décadas até que a obra de Frankl seja publicada no Brasil. Neste primeiro livro está com aproximadamente 41 anos, sendo que aos 43 anos, em 1948, conclui o doutorado. É a partir de então que escreve mais de trinta e dois livros, uma produção literária muito vigorosa até os seus 92 anos, perfazendo mais de 50 anos de atividade intensa.

Cabe ressaltar que a logoterapia de Frankl valoriza a consciência humana sendo contrária às ocorrências do século XX, marcadas pelo desumanismo de, pelo menos, duas importantes guerras mundiais.

O cenário que hoje vivemos não difere em grande parte dos momentos de barbárie que Frankl presenciou e que lhe inspiraram uma concepção de homem suficiente para transcender o sofrimento humano. A cultura materialista, progressista e cientificista, ícones de nosso ideário contemporâneo, deixa de lado, segundo as concepções de Frankl, o valor e essência do humano em sua espiritualidade. Daí, a importância substancial de Viktor Frankl para o momento atual e as formulações possíveis para um aprimoramento da formação humana dos indivíduos.

[...] a condição (existencial) de ser responsável homem nunca pode ser reduzida à sua instintividade...Os impulsos jamais poderão reprimir, censurar ou sublimar a si próprios, e mesmo que, do ponto de vista puramente biológico, fosse empregada uma energia impulsora com o objetivo de conter a instintividade, aquilo que a institui tampouco pode ser derivado da instintividade.

(FRANKL)

3 AS PRINCIPAIS CORRENTES FILOSÓFICAS ENCONTRADAS NA OBRA DE FRANKL

3.1 Fenomenologia

- Aspectos históricos:

A fenomenologia é concebida na Alemanha, no início do século XX, por Edmund Husserl, nascido em Prossnitz na Morávia (Checoslováquia), em 8 de abril de 1859. De origem judaica realiza sua formação universitária em Leipzig, Alemanha. Faz o curso de Matemática, além das disciplinas de Física, Astronomia e Filosofia. O empenho relacionado à pesquisa em matemática o faz buscar a Universidade de Berlim em 1878, atraído pelo prestígio dos célebres matemáticos Kronecker e Weierstrass.

Em 1884, em Viena, na sua formação em Filosofia recebe a influência do autor Franz Bretano, que propunha uma psicologia descritiva, associada à psicologia orientada para a descrição introspectiva de Carl Stumpf. É Franz Bretano, filósofo especialista na tradição aristotélica e no estudo direto dos textos gregos, quem atrai Husserl para a Filosofia.

As investigações lógicas de Bolzano também são decisivas para a sua elaboração da teoria da objetividade. Para Bolzano (apud GILES, 1975), o que importava era a busca de um universo ideal independente do processo psíquico pelo qual efetuava-se a apreensão dos objetos ideais. Assim, a objetividade ideal é que possibilitaria a construção de uma lógica pura. Husserl (apud GILES, 1975) considera, então, que tanto o dado empírico individual, quanto a essência, as relações e os números são importantes para a busca das investigações lógicas com a proposta de formular uma teoria do objeto.

Husserl apresenta sua tese de habilitação à carreira universitária, em 1887, orientado por Stumpf, onde apresenta um estudo lógico e psicológico do conceito de número. E, assim, inicia a carreira acadêmica na Universidade de Halle.

Em 1891, publica sua primeira obra intitulada “Filosofia da Aritmética”, que foi criticada pelos lógicos da época por deixar-se influenciar pelo psicologismo. No entanto, é nomeado professor ordinário em 1901, em Göttinger, e professor titular em 1906. Destaca-se também, sua nomeação como professor na faculdade de Fribourg (1916), sendo Heidegger seu sucessor em 1929, após sua aposentadoria. Morre aos 79 anos em 27 de abril de 1938. E, seus manuscritos foram transportados para a Universidade de Louvain, na Bélgica, onde se encontram até os dias de hoje.

Dentre os autores que sofreram influência de seu pensamento pode-se destacar: Heidegger, Max Scheler, Ludwig Landgrebe, Eugen Fink, Nicolai Hartmann, Karl Jaspers, Ludwig Binswanger, Alphonse De Waelhens, Alfred Schutz, Paul Ricoeur, Maurice Merleau-Ponty, Jean Paul Sartre entre outros. Segundo Frankl (1992, p. 31):

O sentimento propriamente dito, pelo menos quando, no sentido de Sheler, pode ser qualificado como intencional, não é nada inexato, já que a sensibilidade do sentimento é muito maior do que a perspicácia da razão.

A grande contribuição de Husserl ocorre no sentido de renovar os métodos e abordagens em relação aos problemas das ciências humanas, especialmente na psicologia, psiquiatria, ciências sociais, teologia e biologia. É importante ressaltar que a educação sofre influências deste método de investigação um pouco mais tarde.

Os fundamentos principais que a fenomenologia propõe em pesquisa são: procurar **mostrar e descrever com rigor** os fenômenos estudados; **a consciência se apresenta com intencionalidade**, ou seja, a consciência se define essencialmente em termos de intenção voltada para um objeto; **a intuição da essência e as regiões do ser**, ou melhor, o objeto é alvo de descrição por parte da consciência e nele existe um núcleo central invariante que permanece ao longo de todas as variações imaginárias; **a redução** como ato filosófico, onde coloca-se entre “*parênteses o fato, deixando surgir a idéia, o sentido, a sua essência*” (CAPALBO, 1996, p. 21); e **o ego transcendental** do pesquisador, um eu empírico que está ligado a subjetividade das experiências existenciais particulares, que influencia na direção da pesquisa.

A fenomenologia visa **mostrar e descrever com rigor**, que, ao contrário de Descartes (apud CAPALBO, 1996), apresenta uma concepção clássica da filosofia racionalista, mostrando que o dado é reconstruído a partir de uma dedução sistemática de alguns princípios básicos que funcionam como axiomas. A fenomenologia coloca-se em outra perspectiva. Apresenta uma preocupação em mostrar, e não demonstrar, em explicitar as estruturas em que a experiência se verifica, em deixar transparecer na descrição da experiência as suas estruturas universais. O projeto de Husserl não consistiu em erguer uma ciência exata da fenomenologia, mas de propor uma ciência rigorosa, não exata, uma ciência eidética que procede por descrição e não por

dedução. Ela se ocupa de fenômenos, mas com uma atitude diferente das ciências exatas e empíricas. Os seus fenômenos são os vividos da consciência, os atos e os correlatos dessa consciência.

A **intencionalidade da consciência** é vista como uma das idéias principais da fenomenologia, ou seja, toda consciência é consciência de alguma coisa. Para Husserl (apud CAPALBO, 1996), a consciência se define essencialmente com uma intenção voltada para um objeto. A todo conteúdo visado, a todo objeto (noema), corresponderia uma certa modalidade de consciência (noesis). O objeto é um correlato intencional do pólo subjetivo. A essência do percebido não poder ser objeto da exploração exaustiva, mas é resultante do desvelar-se progressivo e do ser apreendido em perspectiva.

Na **intuição da essência e as regiões do ser** a representação é vista como produção do ser objeto de um ente e o não ente. Este objeto alvo de descrição por parte da consciência apresentaria um núcleo central invariante que permanece em qualquer tipo de variação. Husserl chamou de “eidos” ou essência essa estrutura invariante cuja presença permanente define a essência do objeto. As essências seriam referência ao sentido do ser do fenômeno. A visão da essência é vista como uma intuição, isto é, um ato de conhecimento direto, sem intermediários. Descreve diversos tipos de intuição: perceptiva, do vivido, do outro, da essência. Os correlatos desses atos da consciência intuitiva são significações preenchidas, sendo da ordem da presença e não da determinação. Esse preenchimento pode se fazer de duas maneiras: pela imaginação e pela percepção. A fenomenologia propõe um misto de preenchimento e de intenção, aberto a uma campo perceptivo ou cultural, a uma situação, a um horizonte do passado e do futuro.

Por **reduções da fenomenologia** entende-se que o ato filosófico que inaugura a fenomenologia é a redução. Ela desloca a consciência natural, imediata, colocando-a entre parênteses. Esta redução se faz em níveis diversos, como por exemplo a redução eidética. Esta redução permite distinguir fatos e essências, ou seja, coloca-se entre parênteses o fato, para que possa surgir a idéia, o sentido – o “eidos” do fato, a sua essência, a sua significação, que se revelam na situação. Para compreender a facticidade, a consciência necessita dos conceitos, das essências, que devem, entretanto, trazer as relações com o vivido. Por isso, não se pode pensar que pela redução eidética há uma redução do mundo a uma idéia. Ao contrário, ela deve deixar transparecer o mundo tal qual ele é.

Pela **redução transcendental ou fenomenológica** o mundo é visto como correlato da consciência. Para Husserl (apud CAPALBO, 1996), transcendental significa a possibilidade de entrever o mundo na sua transparência, significa conhecer o sujeito como situado ao nível da intencionalidade noética e de seus correlatos noemáticos. Esta redução inclui também os enunciados científicos que pressupõem a certeza do mundo. Pela redução fenomenológica, o mundo é visto como correlato da consciência, e tenta explicitar as estruturas dessa correlação noético-noemática.

Com o **ego transcendental**, o mundo é visto na sua transparência como correlato noemático da consciência, isto é, como vivência objetiva, como objeto significativo, diante do qual o sujeito vê suas operações conscientes, a sua intencionalidade noética, o elemento real da vivência subjetiva. A relação entre sujeito e objeto não é, então, uma relação entre duas realidades externas independentes, mas sim entre dois pólos correlativos da relação intencional na consciência.

O perceber um objeto é intencioná-lo e torná-lo significativo. O ego transcendental é visto, portanto, como o fundamento, a origem, de toda significação. Ele é doador de intenção e de significação. A análise intencional revela que o objeto é constituído como significante (CAPALBO, 1996).

Assim, Husserl (apud ABBAGNANO, 2000) foi o autor que propiciou a formatação da pesquisa na fenomenologia. O ideal husserliano exprime-se pela determinação em dar consistência científica à Filosofia e, através dela, a todas as demais ciências. A exigência aguda de exatidão que Husserl conservou dos estudos da matemática fez com que sempre fosse um pesquisador apaixonado, um crítico severo a respeito das suas próprias descobertas, sempre à procura de maior clareza. No entanto, como herança de sua formação filosófica, também coloca a fenomenologia como um estudo em que todos os conceitos, todos os termos permanecem de uma certa maneira em devir, sempre prontos para se diferenciarem conforme o próprio progresso da análise da consciência e do conhecimento de novos níveis fenomenológicos. Trata-se de se ver, nitidamente, cada vez com maior profundidade, para descrever, com toda a fidelidade, os próprios fenômenos.

A fenomenologia de Husserl preocupa-se em dar uma descrição pura da realidade, onde o fenômeno não é uma aparência mais ou menos duvidosa, mas aquilo que se oferece ao olhar intelectual, à observação pura (apud CAPALBO, 1996). A filosofia fenomenológica se apresenta como um estudo puramente descritivo dos fatos vivenciais do pensamento e do conhecimento oriundos dessa observação. A preocupação deste matemático, desde a sua primeira obra até à morte, era o problema da fundamentação da Filosofia como ciência, o que o tornou um dos maiores filósofos do século XX.

Os demais autores que surgiram após Husserl forneceram ao movimento fenomenológico a temática, destacando-se Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty.

Martin Heidegger nasce em Messkirch, em Baden, Sul da Alemanha, em 26 de setembro de 1889. O incidente que o desperta para a vocação filosófica, assim como o interesse de Husserl, foi o contato que teve com o livro de Franz Brentano (apud SARTRE, 1978), *“Sobre os diversos sentidos do ente segundo Aristóteles”*. Depois de concluídos os estudos humanísticos nos ginásios de Konstanz e Freiburg-im-Breisgau, Heidegger matricula-se na Faculdade de Teologia de Freiburg. Desde essa mesma época Heidegger procura leituras da obra de Husserl, como por exemplo: *“Investigações lógicas”*. Em 1915, é nomeado docente em Freiburg e em 1919, é assistente de Husserl, ministrando aulas sobre várias questões da fenomenologia.

O pensamento de Heidegger surge em meio a uma geração sobrevivente à Primeira Guerra Mundial. Valoriza um caminhar reflexivo sobre a questão do Ser, a partir de uma análise fenomenológica do homem como sendo o único existente a quem foi confiado o pensamento e a guarda do Ser. Com isso, o filosofar de Heidegger apresenta dois grandes orientadores: Aristóteles, por ser o formulador da teoria do Ser enquanto Ser e Husserl, o qual é o formulador do método fenomenológico. No entanto, discorda de Husserl quanto ao caminho do transcendentalismo, ao contrário, tenta desligar o método do idealismo transcendental das Idéias. Publica vários artigos e é nomeado em diversos trabalhos de renome, no entanto mantém-se professor até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando é temporariamente afastado por supostas simpatias com o regime nazista.

Quanto à temática da fenomenologia é possível observar que tem um método discursivo e não apenas definitivo das essências. Ou seja, a essência do fenômeno não é apenas um mero conteúdo conceitual que possa ser definido, mas uma significação de uma essência existencial, que como tal deve ser descrita. “A preocupação da fenomenologia é dizer em que sentido há sentido, e mesmo em que sentidos há sentidos” (REZENDE, 1990, p. 17). E, assim, nos faz perceber que há sempre mais sentido além de tudo aquilo que podemos dizer.

Com isso, é possível compreender porque a fenomenologia, principalmente a de Merleau-Ponty, foi chamada de filosofia da ambigüidade. Isso significa uma superação do essencialismo em todas as suas formas, principalmente no cartesianismo como filosofia das idéias claras e distintas, ou como filosofia da evidência. A filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty propõe uma aproximação desta com a filosofia da linguagem, especialmente atenta aos problemas semânticos. O fenômeno, então, aparece desde o início como uma realidade típica do mundo humano e o símbolo como uma estrutura de estruturas, reunindo, concentrando, articulando os diversos sentidos, ou as diversas manifestações do sentido na trama constitutiva do discurso existencial.

O discurso existencial remete ao fato da fenomenologia caracterizar toda existência humana como tendo sentido e onde toda a significação é inseparável da existência. E, toda história humana aparece como discurso, um discurso cultural, vivido por indivíduos e grupos humanos, através de gerações sucessivas. Para a fenomenologia, uma palavra, uma frase, uma definição, não diz o que há a dizer: há que se recorrer ao discurso para uma aproximação mais eficaz do fenômeno humano.

O sentido diz respeito a existencialidade do fenômeno, o qual apresenta íntima relação com a consciência perceptiva. Uma das principais obras de Merleau-Ponty é intitulada “*A fenomenologia da percepção*”, revelando a importância dada pelo autor à questão da consciência perceptiva. Ressalta-se o fato da fenomenologia recusar o dogmatismo em todas as suas formas: no nível da consciência perceptiva, da consciência cognitiva e da consciência prática. Ou seja, o reducionismo consiste em insistir num aspecto em detrimento de outros, que acabam sendo deixados de lado, muito embora também sejam importantes para a significação plena do fenômeno. E, o fenomenismo, ao contrário, consiste em acumular toda e qualquer informação. O fenômeno é visto não como uma única idéia, mas antes uma existencialização do sentido, que se encarna em vários lugares.

O fenômeno passa a ser entendido no sentido do estabelecimento de relação tanto no interior da estrutura fenomenal, entre seus diversos aspectos, como entre a estrutura e seu contexto. A descrição fenomenológica não se contenta em dizer de que maneira estão sendo dadas as respostas, mas de que outras maneiras elas poderiam ou deveriam ser dadas.

O método da fenomenologia se caracteriza como busca de compreensão, embora com a certeza de que está não é alcançável. Faz um desvelamento, percebendo que a verdade nunca se revela totalmente. Mas tanto a descrição como a compreensão implicam, por sua vez, a interpretação, a hermenêutica, como sendo a atitude que de fato corresponde à busca da verdade: “Interpretar é tentar desvelar, no sentido em que o desvelamento é possível” (REZENDE, 1990, p. 29). Esta interpretação diz respeito ao fenômeno enquanto percebido e vivido, tratando-se de interpretar a existência.

Para interpretar os fenômenos é essencial levar em conta a interpretação da cultura (ou das culturas) como fenômeno humano que estrutura o sentido das diversas experiências. A necessidade de interpretação diz respeito ao mundo ao qual pertencem os humanos e esses grupos.

Com isso, a fenomenologia não se limita a uma descrição passiva, ela é simultaneamente tarefa de interpretação, tarefa da hermenêutica, que consiste em revelar os sentidos, os significados menos aparentes. Propõe um retorno à totalidade no mundo vivido. Caracteriza-se pela ênfase ao mundo da vida cotidiana, do vivido pela pessoa.

Em síntese, pode-se dizer que o método da fenomenologia é um método de aprendizagem, diretamente relacionado com a experiência cultural, e em essência, atento ao problema do sentido da existência. O discurso fenomenológico procura favorecer uma busca da compreensão do sentido pleno, embora saiba, por outro lado, que a plenitude do sentido é propriamente inacessível. Propõe uma atitude interpretativa da história e das situações, num contexto de mundo, onde o conflito não é só possível mas necessário e inevitável.

- Frankl e a fenomenologia:

A fenomenologia tem por objetivo elaborar uma descrição rigorosa da realidade, que é chamada de fenômeno, isto é, aquilo que se oferece à observação intelectual, à observação pura. O método fenomenológico exige que se inicie daquilo que se vê diretamente. A fenomenologia ensina-nos a ver e a viver a realidade do eu, do outro e do mundo, a ver essa realidade no seu significado, no concreto e no vivido.

A fenomenologia destaca a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência e na experiência do sujeito.

Fazendo um paralelo entre a fenomenologia e as obra de Viktor Frankl, que pode ser percebido no transcórre deste trabalho, é fácil notar que a fenomenologia serve de pano de fundo, de fundamento para Frankl.

A ligação entre a teoria de Frankl e a fenomenologia se dá principalmente quando se aborda o tema ego transcendental. Estando ligado ao ego transcendental, o sentido, para a logoterapia, é algo bem simples, é uma potencialidade latente em cada situação e que deve ser descoberto pela consciência (XAUSA, 1989).

Outro dado importante sobre a definição de sentido e a visão da fenomenologia, segundo Frankl (1989), é que este é uma necessidade que independe de outras necessidades. O significado em qualquer situação da vida muda constantemente. Apresenta três vias principais para a descoberta do significado: praticando uma ação ou criando uma obra; tendo a experiência de algo ou alguém além de si mesmo, experimentando outra pessoa em sua singularidade através do amor; e uma experiência dolorosa, onde também é possível encontrar um sentido para a vida – a vida continua a ser significativa sob quaisquer condições ou circunstâncias.

Capalbo (1990) propõe que a educação na concepção fenomenológica deve voltar-se para as pessoas e não para sujeitos anônimos. A fenomenologia vem dar subsídio para visualizar o homem, no sentido de captá-lo de forma básica e global e não apenas em seus aspectos biológicos e psíquicos. Procura ressaltar a importância do estudo do ser humano, não apenas em termos de seu comportamento, mas levando em conta o seu existir. Existir é concebido enquanto totalidade na qual o homem e o mundo encontram-se unidos. É através do mundo que os significados emergem para a pessoa e é através da pessoa, que o mundo adquire significado.

É este olhar com inspiração fenomenológica que se encontra em Viktor Frankl ao viver no mundo dos campos de concentração. Foi do concreto e do vivido que emanou toda a obra produzida por ele, principalmente o livro *“Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração”* (1991). Daí é possível deduzir que a fenomenologia constitui num dos fundamentos filosóficos de sua obra, visto que aborda o mecanismo consciente na vida das pessoas.

Somente a consciência é capaz de sintonizar a lei “eterna”, a lei “moral”, com a respectiva situação concreta. Assim, uma vida a partir da consciência é sempre uma vida absolutamente pessoal dirigida a uma situação absolutamente concreta, àquilo que possa importar em nossa existência única e individual: a consciência considera sempre o “aqui” (“Da”) concreto do meu “ser” (“Sein”) pessoal. (FRANKL, 1992, p. 28).

A fenomenologia exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à consciência dos homens. O mundo que Frankl interpreta é o mundo da guerra, do terror, da destruição, da morte, tão bem vivenciado por ele. O método fenomenológico tem por intuito primeiro elaborar uma descrição rigorosa da realidade. Este método exige daquilo que se vê diretamente, isto é, um voltar as próprias coisas, orientar-se por elas, interrogá-las na própria maneira que se oferecem, procurando a verdade, chegando à essência do fenômeno. É justamente esta a proposta de Frankl, que se perceba os horrores vivenciados na guerra para buscar um sentido para a vida.

A fenomenologia é apontada como uma filosofia da existência, do significado, como uma filosofia do sentido. Ou, com afirmam Ozmon e Graver (2004, p. 254) a fenomenologia “é uma filosofia do protesto”. A Segunda Guerra Mundial foi desumana, a razão foi usada para a crueldade e a agressão a ponto de milhões de judeus terem sido enviados à câmara de gás. A irracionalidade foi usada como motivo de racionalidade.

Um dos passos da educação é entendermos a nós mesmos, isto é, buscarmos o sentido da vida, meta de Frankl.

3.2 Existencialismo

- Aspectos históricos:

Anterior à corrente filosófica do existencialismo existia o materialismo, fundado por F. Hegel. Após sua morte, os seus discípulos se dividiram em duas correntes. A primeira é chamada de Direita Hegeliana, que enfatiza os aspectos metafísicos do sistema Hegeliano. E, a segunda corrente, chamada de Esquerda Hegeliana salienta com maior ênfase os enfoques sócio-políticos e antropológicos do pensamento hegeliano.

O primeiro que se rebelou contra as idéias de Hegel e conseguiu encabeçar um grupo de pensadores foi o dinamarquês Soren Aabye Kierkegaard (1813-1855), que considerava a filosofia materialista desligada do contexto humano. A questão levantada por Kierkegaard envolvia o seguinte pensamento: “é mais importante a idéia do Homem ou o Homem que realiza essa idéia, permitindo-lhe, na sua existência humana, que ela evolua?” (BUSSOLA, 1983, p. 40).

Para Kierkegaard (apud BUSSOLA, 1983), o que vale em primeiro lugar é o fato de existir, em que o pensador existencialista teria por tarefa compreender concretamente o abstrato. Com isso, devido ao fato do existencialismo compreender, mais do que provar racionalmente as coisas, este passa a ser melhor expresso em

romances, poesias e peças de teatro, já que pode colocar certas nuances emocionais da existência que o pensamento lógico jamais conseguiria.

O existir para os existencialistas, segundo Giles (1975), não significa apenas o sinônimo de ser, pois quando se diz “*sou*”, “*sou isto*”, “*sou aquilo*”, “*sou professor*”, etc, evidencia-se uma condição passiva. No entanto, quando se diz “*estou professor*”, significando estou realizando agora a condição de professor, demonstra que este ser humano quer dar a entender que acabou de passar de uma potencialidade para uma realidade, sendo um escolher existir sendo professor um processo de escolha totalmente livre. Segundo Sartre (1978), só é possível existir autenticamente o que se escolhe livremente.

Cabe ressaltar que para cumprir esse existir ainda é importante chegar à essência daquilo que se procura ser. Na maioria das vezes o humano não tem o controle de tudo o que ocorre em sua vida, mas não deixa nunca de ser “*dono*” de suas atitudes.

Para Heidegger (apud GILES, 1975), a existência precede a essência. Significa que o homem primeiramente existe, se descobre e só depois se define. Assim, o homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele se concebe depois da existência, ou seja, como ele se deseja após este impulso para a existência. O homem é visto como responsável por si próprio, sendo que esta responsabilidade se estende da restrita individualidade para todos os homens. Um ato individual de escolha do homem envolve toda a humanidade, por exemplo o indivíduo que escolhe ser professor cria uma imagem de homem para si e para os outros.

O existencialista é questionador das regras que lhe são impostas de fora. Com a Segunda Guerra Mundial, os sobreviventes se sentiam apenas números, fichas

e não sujeitos da história, sentindo-se usados como peças de engrenagem. Por isso, direta ou indiretamente, mas sempre em consequência desta situação histórica, o existencialismo continua vivo até os dias de hoje.

Existem explicações para os atos do humano que os existencialistas não concordam, por exemplo, a explicação de que a paixão conduz o homem a certos atos, para os adeptos desta corrente filosófica tal paixão é uma desculpa, pensam que o ser humano é responsável por essa paixão. Os sentimentos constituem-se pelos atos praticados e não ao contrário. O homem é o que ele faz.

O ponto de partida dos existencialistas é a subjetividade do indivíduo. A preocupação é buscar a verdade com fundamentos reais. Ao contrário do materialismo, não faz do homem um objeto caracterizado como um conjunto de reações determinadas, que nada distinguiria do conjunto das qualidades e dos fenômenos que constituem uma mesa ou uma cadeira. O homem passa a ser visto como um conjunto de valores distintos do reino material, o fato de pensar faz o humano atingir a si próprio e ao outro. Neste mundo de intersubjetividade, o homem decide sobre o que ele é e o que são os outros.

As situações históricas de cada indivíduo variam, mas o que não varia é a necessidade de estar no mundo, de lutar, de viver com os outros e de ser mortal. Neste sentido, os existencialistas colocam que há uma universalidade do homem, porém ela não é dada, mas construída. Quando o homem luta por liberdade descobre que depende de outrem e por isso vê que ao mesmo tempo que quer sua liberdade também há de querer a dos outros.

Outro ponto importante salientado pelos existencialista é que a vida não é nada enquanto o indivíduo não lhe der um sentido. Com isso, vê o homem não como um fim, porque ele está sempre por fazer.

Os existencialistas com forte representação até os dias de hoje são: o próprio Kierkegaard (1813-1855), Karl Jaspers (1883-1969), Martin Heidegger (1889-1976), Gabriel Marcel (1888-1973) e Jean Paul Sartre (1905-1980).

- Frankl e o existencialismo:

Além da obra de Frankl estar embasada na fenomenologia, esta também se filia à filosofia existencialista. Para o autor (1989), a filosofia existencialista realça a existência do homem como essencialmente concreta, sendo que esta forma concreta inclui a vida humana, a responsabilidade. Ressalta a filosofia existencialista como uma filosofia “*vocativa*” (“*appellierende*”), onde a existência humana é vista como única e irrepetível – uma vocação (“*appel*”, *apelo*, *chamada*) para a realização das possibilidades únicas, que não se repetem.

Esta análise existencial atribui ao homem, segundo Frankl (1989), uma missão, a qual o homem deve experimentar vivencialmente com a responsabilidade no cumprimento da mesma. Acredita que, na medida que o homem apreender cada vez mais o caráter de sua missão, mais a vida lhe parecerá carregada de sentido.

Ao passo que o homem sem consciência da sua responsabilidade encara a vida como algo simplesmente dado (“*gegebenheit*”), a análise existencial ensina-o a vê-la com o caráter de algo que lhe é encomendado (“*aufgegebenheit*”)... (FRANKL, 1989, p.94).

O existencialismo obteve um sucesso surpreendente após a Segunda Guerra Mundial, com a análise entre o ser e o nada (angústia, nulificação, importância do olhar do outro), cooperando com as gerações que estavam saindo do conflito mundial.

Segundo Sucupira (1984, p. 98) o ponto fundamental do existencialismo “ [...] é o problema da presença efetiva no mundo”. O termo procede do substantivo “*existência*” e lhe dá preeminência. A prioridade é a existência que consiste na presença no mundo. O existencialismo reduz a realidade a uma forma de subjetividade.

Imerso na subjetividade, o homem existencialista vê seu destino orientado, desordenadamente, para esta ou aquela ação, dilema que o leva a intenso conflito de isolamento e angústia; de rejeição a compromisso com os ideais, com a fraternidade (SUCUPIRA, 1984, p.99).

Todas as ações são válidas, assim como o bem e o mal, a vida e a morte. Portanto, o existencialismo é uma doutrina que centraliza toda sua filosofia no valor do indivíduo concreto, isto é, em primeiro lugar está o ato de existir.

A pessoa vai dinamizando o seu mundo a partir das relações que mantém com ele e nele, vai criando, recriando, decidindo.

Foi na relação com o mundo da guerra que Viktor Frankl sentiu na sua própria pele os horrores da guerra. Daí, perguntas, questionamentos que vieram à mente: Quem é a pessoa humana? Qual é a finalidade e o sentido da vida? É a guerra, a morte, a destruição do ser humano pelo próprio ser humano? Ele fez parte do universo da guerra vivendo os seus horrores enquanto sua vida e atividade estavam profundamente determinadas pela necessidade de sobreviver e de educar seus semelhantes. A vontade de sobreviver e de poder fazer muito pelo seu semelhante foi a mola propulsora que o impulsionou para horizontes mais alviçareiros, principalmente

quando conseguiu perceber o sentido da vida. Começou a perceber qual era sua posição no mundo, a assumir e perceber determinada imagem ideal de homem, que implica na assimilação dos bens culturais da coletividade.

Percebe-se que a trajetória de Viktor Frankl está marcada pela filosofia do existencialismo. Portanto, não pode haver uma teoria pedagógica, implicando fins e meios de ação educativa, que esteja isenta de um conceito de pessoa humana e de mundo vivido. O mundo dos valores e da liberdade, para ele, era muito mais importante, do que viver oprimido e massacrado no campo de concentração, no campo de extermínio. Os adeptos do existencialismo, vivenciando os horrores da guerra e a decadência dos valores transcendentais, procuravam acima de tudo a liberdade, a razão de viver.

Como fica evidente na trajetória de sua vida, Frankl buscava esses valores e ideais perseguidos pelo existencialismo. O existencialismo, por ser uma filosofia intimamente ligada à fenomenologia, também faz parte dos fundamentos filosóficos da obra de Frankl., pois o existencialismo sustenta que a educação deve concentrar-se na realidade humana.

3.3 Humanismo Existencial

- Aspectos históricos:

O humanismo é um movimento literário e filosófico que originou na Itália, na segunda metade do século XIV. Difundiu-se por outros países europeus, vindo a

constituir-se num dos principais fundamentos da cultura moderna. Humanismo, no sentido estritamente filosófico, é toda e qualquer reflexão que reconhece o valor e a dignidade do homem fazendo do mesmo a medida de todas as coisas e, considerando, na natureza humana, seus limites e interesses. Assim, o humanismo assume diferentes concepções, tais como o humanismo cristão, humanismo marxista, humanismo existencialista e assim por diante.

O desenvolvimento do humanismo existencialista é uma das formas do humanismo moderno. O representante maior desta corrente filosófica é Kierkegaard (apud ABBAGNANO, 2000), sendo este o fundador do existencialismo. A teoria kierkegaardiana afirma que os seres humanos são, por si mesmos, incapazes de conhecer empiricamente qualquer coisa com precisão e que somente através de algum evento transcendental em suas vidas, eles adquirem tal conhecimento. Outro filósofo, Karl Jaspers (apud ABBAGNANO, 2000), coloca que existir autenticamente é viver consciente de si mesmo, ou seja, é viver a vida da razão que dá ao indivíduo a plena consciência de suas limitações.

Para Jaspers (apud ABBAGNANO, 2000), a auto-realização da existência humana se processa na comunicação e no encontro com o outro através do diálogo. O homem não é visto como um ser fechado em si mesmo e a própria liberdade só pode existir quando o outro também é livre. O ser isolado, ou o que se isola, acaba em mera possibilidade ou desaparece, em síntese, para Jaspers o ser em si mesmo e o ser em comunicação são inseparáveis. Neste processo acredita que todo e qualquer relacionamento dialógico, fundamenta-se na fé, na mútua confiança no outro.

O humanismo tem uma ligação com o termo transcendência, numa visão humanista existencialista, Deus é transcendente, mas no sentido de superação. Então,

a transcendência passa a ser um estimulante do homem e da subjetividade, no sentido de que o homem não está fechado em si mesmo mas presente sempre num universo humano.

A organização desta corrente filosófica apresenta uma rejeição à herança medieval, trazendo uma retomada do mundo clássico e de seus valores. Buscam o reviver desta herança como instrumento de educação, ou seja, de formação humana e social. Dão prioridade às chamadas letras humanas, isto é, à poesia, à retórica, à história, à moral e à política, concordando com os antigos que estas eram as únicas disciplinas que educam o homem como tal, levando-o a tomar consciência de suas reais aptidões (ABBAGNANO, 2000).

- Frankl e o humanismo existencial:

A relação entre a teoria de Frankl e a filosofia humanista está na visão de homem que o autor acredita. Xausa (1986), sistematiza os conceitos fundamentais do humano para Frankl:

- 1 A ontologia constitucional do ser humano inclui diversos graus ou camadas: o corporal (físico), o anímico (psíquico) e o espiritual (noético), numa dimensão mais compreensiva do humano;
- 2. A pessoa é vista como um ser único e total, isto é, uma unidade que expressa a totalidade: corpo, psiquismo e espírito, este último caracterizado como *“noos”*;
- 3. Há um centro existencial pessoal, ao redor do qual se situam as camadas do físico e do psíquico, que, apesar da facticidade psicofísica, é o *“centro espiritual da pessoa existente”*;

- 4. A descrição da consciência e do inconsciente humano ultrapassa o psicológico, reconhecendo a transcendentalidade da consciência e do espiritual inconsciente;
- 5. Reconhece a pessoa como existência espiritual – livre e responsável, fundamentado na dimensão noética;
- 6. A abertura da pessoa para o mundo, manifestada através da autotranscendência, revela o desejo de ultrapassar a transcendência, através do relacionamento com os outros;
- 7. Reage à aceitação incondicional do determinismo impulsivo psicofísico no homem, reconhecendo a impulsividade das regiões inferiores, mas provando que o homem, além de impulsionado pelos instintos, é atraído pelos valores;
- 8. Valoriza a capacidade intuitiva do homem, revelada através da consciência como órgão de sentido que aponta para o sentido da vida humana;
- 9. Propõe a importância do sentido para a vida humana, considerando a vontade de sentido como primária no homem e o motor básico da existência humana;
- 10. Reflete sobre a vida e o sentido desta, no aqui e agora existencial de cada um, onde os conceitos de temporalidade e finitude desta mesma existência estão unidos ao caráter de missão na vida de cada homem;
- 11. Enfatiza os efeitos da ausência de sentido na vida que é caracterizada pelo vazio existencial, considerando como a doença do século XX esta vivência do sem sentido;
- 12. Reconhece o “noos” de uma instância superior no homem, que ao mesmo tempo que busca um sentido último da existência, representa também uma

espiritualidade que aponta para uma dimensão extra-humana, supra-transcendência, que é Deus.

Uma das características básicas de Viktor Frankl é o claro senso do que podemos e não podemos fazer, da verdadeira preocupação humana com o conhecimento de si mesmo, a maneira correta de viver e a forma de ser útil com seu semelhante. Ele concentrou sua atenção na vida humana, um campo em que a finalidade, a função, do porque e do para quê devemos viver é fundamental.

Esses questionamentos levaram Frankl a enveredar seu caminho rumo ao humanismo. Não entende a pessoa como “*coisa*”, como “*objeto*”, mas como “*sujeito*”, como um ser em transformação no mundo. A vocação do ser humano é de ser sujeito e não objeto, o ser humano é um sujeito da práxis.

O humanismo de Frankl está intimamente ligado ao de Rogers, que graças à sua teoria da terapia centrada no ser humano, desenvolveu uma psicologia humanista que reforçou as concepções humanista e personalista da educação.

Rogers (2002), com sua terapia centrada na pessoa, criou pressupostos psicológicos de um modelo pedagógico centrado na criança, respeitando a individualidade do aluno. Acreditava que as pessoas crescem melhor psicológica e emocionalmente rodeadas de relações humanas positivas, afetuosas e autênticas. Portanto, o processo de ensino deve centralizar-se no desenvolvimento da pessoa. O papel do professor não consiste apenas na transmissão de conhecimentos, mas também na orientação do crescimento pessoal num clima de liberdade e autenticidade. A aprendizagem verdadeira é aquela que o aluno faz por si próprio, com autonomia e independência, passando a ser sujeito de seu próprio desenvolvimento. O professor é aquele que facilita a aprendizagem, ajudando no crescimento da pessoa.

Portanto, o humanismo de Frankl tem uma concepção altamente positiva do ser humano, um humanismo autêntico, na medida em que se preocupa sempre em dar ao homem o que cabe ao ser humano. O homem não é contemplado só pela metade, mas sim na sua integridade e totalidade. Toda grandeza do homem advém do fato de ser pessoa.

A pessoa humana é um ser de relações, ela está no mundo e com o mundo. Pode distinguir um eu e de um não-eu. Isto a torna capaz de relacionar-se, de sair de si, de projetar-se nos outros, de transcender. Essas relações se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo. Um aspecto importante dessa relação é a reflexão da pessoa humana sobre os seus atos, uma reflexão dela sobre a realidade. Ao compreender a realidade, verificar seus desafios e problemas, vai procurar soluções. Assim, com seu trabalho e com seus semelhantes pode transformar essa realidade criando um mundo mais humano. Esse é o sentido do humanismo de Frankl, que é proporcionar uma vida mais digna.

Após a análise dessas correntes filosóficas, é oportuno compará-las com outros autores, para verificarmos se há coincidência ou não deles com o modo de pensar de Frankl. Destacaremos Martin Heidegger, Paul Sartre e depois Martin Buber.

Martin Heidegger (1889-1976):

Com sua obra *Ser e Tempo* (1998), Heidegger tornou-se um dos mais importantes representantes do existencialismo. O problema fundamental é o do ser, mas o ser em sua totalidade. O método empregado é o da fenomenologia, quando da análise da essência, chega a afirmação da existência. São as realidades concretas da vida que encerram os fenômenos capazes de manifestar o ser.

Para Heidegger, o homem é a existência, o Dasein (estar-aí). O homem existe no mundo. O Dasein desempenha um papel fundamental para designar o caráter específico da existência humana.

O caráter da existência é a factualidade, pela qual o ser-aqui está lançado no mundo, no meio de outros seres, no mesmo nível deles.

Para Weischendel (2000, p. 301) ao analisar o entendimento do ser em Heidegger afirma: “Não se baseia, aí, em um conceito abstrato de homem, mas no homem concreto, empírico e em seu auto-entendimento e auto-experiência”. Heidegger fala do ser-aí em seu cotidiano, que o homem tem consciência de se achar no mundo como jogado nele.

O homem é um ente em que o seu próprio ser está sempre em jogo, não como algo definido, mas que se define num projeto a ser sempre retomado, conforme esclarece Abrão (2004, p. 454):

O homem é um ente inacabado e a sua essência confunde-se com o seu existir, concebido como estar no mundo, ou, como expressa literalmente a palavra utilizada por Heidegger, Dasein, estar-aí.

A tarefa da filosofia é desvendar o fenômeno da existência humana por meio da fenomenologia através da hermenêutica para por a descoberto a questão da existência.

O fato do homem estar no mundo como possibilidade de ser, gera nele a angústia que pode ser entendida como um estado de carência, que mostra a precariedade do ser humano. O homem é também um ser lançado no mundo para a morte, para o nada.

A angústia, a morte e, por fim, o nada é uma estrutura forte do existencialismo de Heidegger.

Para Abrão (2004, p. 455): “nesse modo de existir, o homem não assume a sua condição e vive como que alheio a si próprio, razão pela qual esse estado se denomina queda”.

Vivendo alheio a si próprio, o homem pode tornar-se alienado, sem consciência de si. Por isso, Abrão (2004, p. 455) acrescenta: “Na medida em que a análise fenomenológica da existência, por abordar apenas a estrutura do nosso existir, não comporta uma esperança futura, ser para a morte significa ser para o nada.

Deduz-se que o niilismo é o horizonte em que pode ser abordado o ser-nada, aniquilando o próprio ser humano.

Além de aderir o nazismo, Heidegger é enquanto existencialista ateu. Com relação a transcendência, essa expressão não significa que o homem se refira a uma essência ou a um mundo supra-sensível, envolvendo valores transcendentais como: éticos, morais e religiosos. Percebe-se também para o homem a perda de um sentido da vida. Tanto o existencialismo como a fenomenologia de Heidegger apresenta aspectos diferentes da filosofia de Viktor Frankl.

Sobre Heidegger Franca (1967, p. 249) assim se expressou: “Identificando o ser como o ser finito e enclausurando-se nos limites do contingente, [...], a filosofia de Heidegger é, talvez, em nossos dias a expressão mais trágica do homem arrancado às suas relações transcendentais com o Infinito”.

Jean-Paul Sartre (1905-1980): Sartre é considerado um dos mais importantes filósofos existencialistas. Dentre as várias definições com as quais o pensamento de Sartre foi catalogado, uma que teve muita divulgação e notoriedade foi

a de existencialismo ateu. É também verdade que a questão Deus está presente em muitos textos como o “Ser e o Nada” (1997) e “O Existencialismo é um humanismo” (1970).

O seu pensamento sempre aponta algumas categorias teóricas: a consciência do “nada”, a liberdade como possibilidade gratuita e absoluta: “[...] por outras palavras, não há determinismos, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento” (SARTRE, 1970, p. 227).

Portanto, o homem está condenado a ser livre, com liberdade total e absoluta. O homem deve escolher sua vida, seu destino, mas sem orientação. O homem fica desamparado, abandonado, desesperado, angustiado. Por isso, Sartre (1970, p. 221) afirma: “o existencialismo não tem peso em declarar que o homem é angústia”.

Fica evidente em sua obra sobre “O Existencialismo é um humanismo” (1970), que o homem é nada mais do que aquilo que ele se faz, é um projeto, que se vive subjetivamente. O homem é responsável por si mesmo e tem que decidir por si próprio. Ele se torna sua lei e moral. Diz Sartre (1970, p.235): “nenhuma moral geral pode indicar-vos o que há a fazer; não há sinais no mundo”.

Com relação à transcendência e o humanismo existencial Sartre (1970, p. 151) esclarece:

Não há outro universo senão o universo humano, o universo da subjetividade humana. É a esta ligação da transcendência, como estimulante do homem - não no sentido de que Deus é transcendente, mas no sentido de superação - e da subjetividade, no sentido de que o homem não está fechado em si mesmo, mas presente sempre num universo humano, e a isso que chamamos humanismo existencialista.

É aquele que torna o homem como constantemente se projetando para fora de si mesmo, construindo-se, realizando-se no mundo.

Esse ateísmo de Sartre, que também é um sinal de emancipação humana, paga-se, segundo Sartre com a solidão, o desespero e o desamparo. O homem é um criador e, ao mesmo tempo abandonado e sozinho no mundo.

Apesar de Sartre afirmar que o homem é liberdade, condenado a ser livre absolutamente, a própria ciência reconhece o ser humano como contingente e limitado. Portanto, há os determinismos, não havendo liberdade absoluta.

O sentido do ser passa a ser decidido sozinho pelo homem. O homem está só como um absoluto. A respeito, Invitto (1998, p. 417) afirma: “ A tentação do Absoluto permanece sempre com tentação da fuga do mundo”.

A filosofia de Sartre ressent-se também de uma base moral. Nota-se que Sartre tenta extrair uma moral válida de suas premissas, mas que na realidade não são compatíveis com nenhuma moral.

Da forma como Sartre concebe o homem, torna-se difícil concretizar no seu pensamento filosófico a questão do “outro”, do semelhante, do tu. Salta aos olhos do leitor o individualismo, o subjetivismo e o niilismo.

Apesar da forma sintética como foi abordado o existencialismo de Sartre, percebe-se que há pontos divergentes com relação aos fundamentos filosóficos de Viktor Frankl, principalmente quanto ao sentido da vida, valores transcendentais, concepção de homem e pelo seu conceito de liberdade absoluta e incondicionada, de uma liberdade que faz do homem uma espécie de Deus criador do seu próprio mundo.

Martin Buber (1878-1965) filósofo e teólogo israelense, influenciou bastante a reflexão teológica cristã. No livro “Eu e Tu” (2004) exalta a necessidade de

respeitar a dignidade de todos os seres humanos. O pensador faz questão de ressaltar a diferença existente entre a relação interpessoal e a relação do ser com o mundo material. Em contraste com a relação homem-objeto, a relação pessoa-pessoa é imediata e independente.

Para ele, o “eu” e o “tu” não estão submetidos um ao outro, mas existe uma relação de reciprocidade, na qual o “eu” vai se tornando “eu” no encontro com o “tu” e vice-versa. Exclui, neste caso, toda dominação, como normalmente acontece na relação homem e mundo material.

Nesta humanização da pessoa, a relação interpessoal deve merecer prioridade no confronto com a relação homem e mundo material. A dignidade do ser humano não é constituída pelo sujeito autárquico, mas pelo encontro pessoa-pessoa.

Esse encontrar-se significa assumir voluntária e livremente que podemos ser seres humanos quando somos com os outros e junto deles, quando aceitamos que a humanização é algo constitutivo do ser humano e não algo acidental. O homem existe para viver com outros seres humanos.

Esse humanismo desenvolvido vai de encontro ao próprio humanismo de Frankl por constituir um aspecto fundamental da abertura ou transcendência da própria pessoa. O ser humano é revelado como um ser de diálogo, de decisão e de resposta em face dos outros seres humanos.

No século XX o mundo enfrentou duas Guerras Mundiais. Da Segunda Guerra Viktor Frankl participou, sendo prisioneiro nos campos de concentração, campos de extermínios, onde milhares de pessoas morreram sob o regime nazista. Ao constatar a violência e os horrores que os prisioneiros enfrentaram, Frankl começou a refletir sobre o ser humano, sobre o sentido da vida. Por que o homem estava destruindo o

próprio homem? Quais as causas de tanta violência? O que devemos fazer? Que tipo de valores estão sendo priorizados?

Frankl coloca em prática um dos objetivos da filosofia, talvez o principal que é o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo. Começa a analisar não somente as causas das mudanças resultante da Guerra, mas principalmente as conseqüências.

Dessas análises resultam três grandes dimensões da filosofia da educação: a antropológica, que trata da existência do homem, do seu sentido da vida. A axiológica, que envolve a teoria dos valores, quando Frankl constata que há uma perda dos valores transcendentais, notadamente os valores éticos, morais e religiosos. A axiologia que estuda os julgamentos, a certeza ou erro e as formas de conduta, contribuindo na construção de valores prioritários. E, por fim, a dimensão epistemológica que lida com transmissão de conhecimento, não num sentido reprodutivo, mas, principalmente sob o aspecto construtivo. As visões de aprendizagem, as concepções de vida, a concepção de educação, a visão de homem e sociedade, estão intimamente relacionadas com esse ramo da filosofia. Por que? Porque, segundo Ozmon e Graver (2004, p.16) "...a filosofia da educação é simplesmente aplicação de idéias filosóficas a problemas educacionais, entretanto a prática da educação pode levar a um refinamento das idéias filosóficas".

A filosofia nos leva a refletir sobre as idéias e, ao mesmo tempo, como usá-las da melhor forma possível, principalmente por parte dos professores e educadores ao desenvolverem a prática pedagógica. Levá-los a refletir e a pensar sobre o que estão fazendo.

Frankl também contribuiu as três correntes filosóficas que fundamentam seu pensamento: a filosofia da fenomenologia, que exprime o manifestar-se no sentido de trazer a luz. O fenômeno que manifesta-se em si mesmo. E o deixar ver a coisa como ela é. Por exemplo, o fenômeno da guerra e dos campos de concentração. Foi no vivenciar esses fenômenos no concreto e no vivido que Frankl busca o sentido da vida.

A outra corrente é o existencialismo, onde Frankl, em sua filosofia, acredita ver o homem como participante. Por isso, o existencialismo sustenta que a educação deve concentrar-se na realidade humana individual. Assim, o indivíduo pode criar o conceito de verdade, de paz, de justiça e outros.

Para os existencialistas, a Segunda Guerra Mundial passou a dar uma nova visão do ser humano, pois viram que a razão foi usada para a crueldade e a agressão.

A visão existencialista de Frankl é fazer com que a educação possibilite ao homem ter uma visão de si mesmo. O homem precisa analisar o lado cruel e perverso da vida.

Por fim a filosofia do humanismo que Frankl enfatiza bem o aspecto antropológico, o sentido da existência e o respeito à dignidade do ser humano, que deve ser tratada como pessoa, como fim, e não como meio de manipulação e objeto. A ênfase ao sentido da vida, aos valores transcendentais, a logoterapia, a sua imagem de ser humano, dá a dimensão de seu humanismo. Para ele, a educação deve contribuir para a libertação, humanização e não a desumanização. Nesta humanização a relação interpessoal com seu semelhante, deve ganhar uma relevância fundamental.

Os sentidos, do mesmo modo que são únicos, são também mutáveis.
Mas não faltam nunca. A vida não deixa jamais de ter sentido.
(FRANKL)

4 O SENTIDO DA VIDA

Em nossos dias, um número de pessoas dispõe de recursos para viver, mas não de um sentido pelo qual viver. A sociedade atual satisfaz virtualmente qualquer necessidade, com exceção de uma: a necessidade de um sentido para a vida.

O desespero devido à aparente falta de sentido da vida tornou-se uma questão urgente e atual. A sociedade industrializada visa satisfazer todas as necessidades humanas possíveis, caracterizando a sociedade de consumo, podendo até gerar necessidades que depois serão satisfeitas por ela. No entanto, para Frankl (1992) apenas a necessidade mais humana de todas - a necessidade de sentido - é frustrada. O autor, ainda salienta, que a industrialização se faz com a urbanização, desarraigando pessoas, alienando-as de suas tradições e dos valores por elas cultuados.

Dentro da logoterapia, o sentido não significa algo abstrato, mas pelo contrário, é um sentido concreto com o qual uma pessoa se vê confrontada. Frankl (1992) teorizou que o indivíduo pode encontrar sentido para a sua vida por três vias: doando-se ao trabalho (tarefa), à alguém (pessoa) ou dedicando-se a uma situação de sofrimento (situação).

Ser pessoa comporta existir em relação com um outro “eu”, pois as pessoas devem se amar reciprocamente. O ser humano é chamado a descobrir a origem e a meta da sua existência e da história. Toda pessoa se realiza tecendo múltiplas relações de amor, de justiça, de solidariedade com as outras pessoas, à medida que desenvolve a sua atividade no mundo. O agir humano tende a promover a dignidade da pessoa, as qualidades das suas condições existenciais.

O sentido da vida do humano se concretiza em todas as suas dimensões: pessoal, social, corpórea, histórica e transcendente, pois todos nós somos responsáveis por todos, para que possamos viver dignamente e não sermos massacrados pela violência. É nesta tecla que Frankl destaca o sentido da vida. O homem não pode se doar a um projeto ou a um ideal abstrato. Por isso, é alienado o homem que se recusa a transcender a si próprio, como também é alienada a sociedade, que nas suas formas de organização social, de produção e de consumo, torna difícil a realização da pessoa humana e a solidariedade inter-humana.

Todo homem é um ser aberto à relação com os outros na sociedade. O conviver social na rede de relações que interliga indivíduos, famílias, grupos, em relações de encontro, de comunidade e de reciprocidade, assegura ao viver uma qualidade melhor. O sentido de vida não é resultado de um individualismo egoísta, mas de um processo de construção que se dá no contexto social, no contato do homem com seus semelhantes. A convivência social, determina a qualidade de vida e em outras palavras, determina o sentido da vida.

A busca de sentido é valorizada também por outros autores da área da educação como Cortella (2000) que caracteriza o humano por si só como um construtor de sentidos, construtor de si mesmo. Havel (apud POSTMAN, 2002) acredita que o

ceticismo, a desilusão, o alheamento, e outras palavras empregadas para descrever a perda de sentido, passaram a caracterizar a época atual, influenciando todas as instituições sociais, entre outras a Escola.

Para compreender o humano que busca dar sentido à própria vida, Frankl distingue três categorias de valor e três dimensões humanas.

Intimamente inerente ao sentido da vida está a questão axiológica, a teoria dos valores. Todos nós valoramos e não podemos deixar de valorar. Não é possível a vida sem proferir juízos de valor. É da essência do ser humano conhecer, querer e vivenciar valores. Todo o querer pressupõe valores. Nada poderemos querer senão aquilo que nos pareça valoroso e como tal digno de ser desejado. Segundo Frankl (1990), o sentido da vida está fundamentado e alicerçado em valores.

A questão essencial é que os valores contribuem para tornar a pessoa humana verdadeiramente melhor, mais consciente da dignidade de sua humanidade, mais responsável e aberta aos outros, sobretudo aos mais necessitados.

Frankl (1990) caracteriza as três categorias de valor que considera relevantes ao humano em sua procura de sentido. Nas diferentes situações da vida o homem teria a possibilidade de revelar: valores “*criativos*”, valores de “*experiência*” e valores de “*atitude*”.

Os valores “*criativos*” colocam o fazer enquanto capacidade de trabalho, onde não é decisivo o que se faz, mas como é feito. Os valores de “*experiência*” significam que a vida pode ser plena de sentido, quando o homem “*experimenta*” o mundo no que de belo oferece a natureza, a arte, etc. Os valores de “*atitude*” possibilitam encontrar sentido de modo especial no sofrimento, quando o homem não

se identifica com o seu sofrimento, mas dele se distância, para assumir uma atitude plena de sentido correspondente à situação.

Não existe situação na vida que realmente não tivesse sentido. Isto se deve ao fato de que os aspectos aparentemente negativos da existência humana, particularmente, aquela tríade trágica constituída de sofrimento, culpa e morte, também podem ser transformados em algo positivo, num mérito, quando são enfrentados com atitude e postura corretas. (FRANKL, 1992, p.72).

Cabe ressaltar que Frankl (1989) considera o amor mais do que um estado de sentimentos, mas um ato intencional. O amor favorece o humano em face da plenitude dos valores.

O amor é um ingrediente fundamental da vida humana para dar sentido à vida e sua importância pode ser superestimada. Marinoff (2005, p. 191), referindo-se a forma “ágape” de amor dos gregos diz:

O amor que nada busca em troca é o tipo mais raro e valioso de amor. Os que manifestam ágape agem além dos motivos puramente pessoais. O mundo está cheio de seres que precisam ser amados por um grande coração e ágape é o amor que emana de um coração assim.

Para o autor, o ágape permite que as pessoas sintam o amor divino e que manifestem esse amor pelos outros, é o amor sem egoísmo. Segundo Frankl (1992, p. 29):

Na verdade, somente o amor, e somente ele, é capaz de ver a pessoa na sua singularidade, como o indivíduo absoluto que é. Nesse sentido, o amor possui importante função cognitiva. E esta função cognitiva já foi compreendida e reconhecida quando, em hebraico, o ato de amor e o ato de conhecimento foram designados pela mesma palavra.

Comte-Sponville (1999, p. 243), na abordagem sobre a virtude do amor, diz que o amor é um ideal: “mas esse ideal nos guia, e nos ilumina”. Não nascemos virtuosos, mas nos tornamos por meio da educação e, de um modo especial, pelo amor.

É pelo amor que o homem se torna humano e se contrapõe ao homem bárbaro, cruel, violento, destruidor, assassino. Este foi o tipo de homem que Frankl conheceu na Segunda Guerra Mundial, que o levou prisioneiro aos campos de concentração, onde milhares de pessoas eram fuziladas. Deste contexto surgiu a sua grande obra em busca do sentido da vida.

A guerra jamais é um meio legítimo para resolver os conflitos e os problemas que surgem entre as nações. Ela representa um flagelo, uma carnificina inútil que coloca em risco o futuro da humanidade. A guerra é a falência do todo autêntico sentido de vida, como também de todo autêntico humanismo. Qual o sentido do homem, por meio da violência e do armamento destruir o seu semelhante?

O antídoto da guerra é o amor, mas um amor que, antes de tudo, leve o homem a uma colaboração leal, portadora de inúmeros bens.

É possível descobrir sentido na vida, mesmo quando não há uma situação com esperança, mesmo quando enfrenta-se um “*destino*” que não pode ser mudado (FRANKL, 1989).

Frankl (1989) descreve o “*destino*” como pertencente ao homem, comparando-o, de forma metafórica, ao chão que pisamos, colocando que a vida tem uma missão mesmo nos momentos mais difíceis, verificando que a falta de êxito não significa falta de sentido.

Temos que comportar-nos em relação ao destino como em relação ao chão que nós pisamos: estando em pé; sabendo, entretanto, que esse chão é o trampolim donde nos cumpre saltar para a liberdade. Liberdade sem sentido é impossível; liberdade só pode ser liberdade em face de um destino, um livre comportar-se perante o destino... (FRANKL, 1989, pg.120).

Segundo Bertan (2002), a noção de liberdade do homem não é algo abstrato ou herdada do meio político e social, mas sim uma conquista, que se

concretiza no transcorrer da existência e da vida: pode ser expressa de forma negativa, com ausência de determinação, ou de forma positiva, com autonomia.

Para Frankl (1992) o homem livre é aquele que é capaz de se adaptar em todas as circunstâncias e ocorrências, ou de comportar-se de forma escolhida por ele mesmo em relação às suas inclinações hereditárias e às marcas deixadas nele pelo meio ambiente.

Por isso, a liberdade, que é um atributo do homem, deve ser usada para promover o bem, a paz. A ação da liberdade deve ser posta a serviço da paz. Uma verdadeira paz se consegue com diálogo, reconciliação e amor.

Além do fato do sentido da vida ser visto como concreto, o ponto de congruência do pensamento de Frankl com a fenomenologia é a conceituação das três dimensões humanas reconhecidas na logoterapia. As três dimensões são: a situação do *“meu ser-aí”*, a dinâmica do *“eu”* e o *“estar-exposto”* na existência (FRANKL, 1990).

A dimensão do *“meu ser-aí”* reflete uma situação de repouso, concentração no aqui e agora, desligamento de *“tudo”*, *“des-condicionando-me”*, limitar-se ao *“deixar-acontecer”*. A dimensão da dinâmica do *“eu”* implica num estar no mundo de circunstâncias e relações onde de forma primordial, o homem é sujeito, agente transformador, criador deste mundo. A terceira dimensão o *“estar-exposto”* na existência, caracteriza o *“eu sou”*; o *“eu”* desta vez não é um centro da ação, mas um centro de entrega, de *“paixão”*, e pela existência, algo acontece. Destaca-se que é no modo e na intensidade do encontro destas dimensões que surge o *“estou-presente”* no mundo e quando se percebe quem *“eu sou”*. É na vivência que estas três dimensões são percebidas, na realidade subjetiva de *“estar relacionado com”*, de *“poder agir”* e de

“*estar exposto*”. Para aceitar estas dimensões, o autor complementa que é preciso: “*ser e deixar*”, “*agir*”, “*aceitar e admirar-se*”.

O sentido da vida, que constitui um dos pontos chaves da obra de Frankl, é conseqüência da dimensão antropológica das idéias que contextualiza o sentido da existência humana em seus aspectos histórico-sociais.

Também é conseqüência de uma reflexão axiológica, isto é, da relação do homem com os valores, principalmente com os valores transcendentais.

Para Frankl (1992) cabe à Filosofia explicar e explorar o significado da condição humana no mundo. Através das ponderações do autor, há um abismo entre o que o ser humano é chamado a ser – a ter uma vida com sentido – e aquilo que tem sido na realidade da história e do mundo. Isto revela que a riqueza do que significa “ser humano” ou não está desenvolvida, ou encontra-se em grau bastante limitado.

Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre a pessoa humana, que é a de ser sujeito, e não objeto, de não ser simples espectador, mas que deve intervir cada vez mais, no tempo e no espaço em que está situado, estabelecendo uma relação dialética com o contexto da sociedade, para não ficar alienada, inoperante e massificada.

Por meio da reflexão e de uma atitude crítica a pessoa poderá aprender os temas e as tarefas de sua época, que, além de captá-los, procurará resolvê-los.

O sentido da vida abordado por Frankl tem uma abrangência muito grande que envolve o aprimoramento e aperfeiçoamento não só da pessoa como também da sociedade.

Quando uma situação de impasse, para a qual não há saída, não pode ser superada exteriormente, não resta outro recurso senão a fuga para cima, o trabalhar em si próprio, o crescer interiormente com a própria situação de desespero da qual alguém se tornou vítima sem poder se defender.

(FRANKL)

5 A AUTO-TRANSCENDÊNCIA

O objetivo desta pesquisa é demonstrar como a vida, a trajetória e as idéias filosóficas de Viktor Frankl desenvolveram-se com o tempo e quais as repercussões que podem ser aproveitadas como lições para as pessoas, para a escola e para a educação. Sob a nossa ótica, procuramos selecionar aquelas que consideramos mais relevantes para o nosso contexto atual.

Num sistema onde tudo funciona em função da produção e lucro, falar de transcendência não é tão simples. Neste sistema, tudo deve estar a serviço do crescimento econômico: a natureza, as instituições estatais, a religião, a arte, a cultura e a própria pessoa humana. Há a idolatria do mercado, onde tudo é sacrificado para servir ao Deus Lucro.

Com propriedade, Postman (2002) afirma que adoramos três deuses: a tecnologia, o utilitarismo e o consumismo, questionando o que nos torna seres

humanos, pois o deus ciência nos fala de conhecimento e poder, o deus tecnologia só fala de poder. A televisão e o computador cada vez mais ampliam sua presença na vida das pessoas transmitindo as ideologias dos dominantes e dos donos do poder. O meio industrial permanece sempre com os olhos voltados para a lucratividade.

Em meio às concepções competitivas e tecnicistas de educação, Morais (2002, p. 48-49) afirma:

As ciências humanas, que já nasceram imitando o mecanicismo e o positivismo das demais ciências, já não tem qualquer boa vontade para com temas espirituais; e, em seu âmbito, as ciências da educação têm-se mostrado também claramente científicas, ao passo que a filosofia da educação – que deverá ser muito legitimamente “amor à sabedoria” – tem-se entregado ao cultivo ora de uma erudição, que é fim em si mesma, ora de um tecnicismo subserviente às elegâncias estatísticas do meio ambiente.

Ora, se a pessoa humana só vale se é produtora e consumidora, todos que não possuem este perfil não são necessários: são descartáveis. Quando muito, admite-se adoção de políticas compensatórias, para que não se revoltem e virem embaraços ao avanço da nova cultura globalizada do capital financeiro.

Apesar desses entraves, encontramos pensadores como Viktor Frankl que trata da transcendência com bastante propriedade, ao constatar que o ser humano é transcendente, por excelência.

A pessoa humana, em si mesma, transcende o horizonte do universo criado, da sociedade e da história. Max Scheler (1989), no livro “O lugar do homem no mundo”, afirma que o que distingue o ser humano dos demais seres é a questão da espiritualidade. O homem é um espírito que é capaz de rever o passado, vive e valoriza o presente, como também projeta o futuro. O homem é o único ser capaz de pensar sobre si mesmo e sobre todos os demais seres, capaz de pensar além de seus limites.

Morais (2002, p. 47) ao abordar a questão da fala no homem afirma que “falar é transcender limitações”. A capacidade que o homem tem de criar, demonstra sua capacidade de transcender o que já existe. Moraes (2002, p. 48) diz que:

Ora, se atentarmos bem, começaremos a perceber que a capacidade de autotranscendência do ser humano, pela qual este se ultrapassa em adaptações orgânicas, em pensamento, emoções e força criativa, já é indicativa de uma transcendência espiritual.

Esses autores citados reforçam a posição de Frankl sobre a auto-transcendência do ser humano, ao reestabelecer e elevar a dignidade da pessoa humana, conferindo um sentido mais profundo e de significação à atividade cotidiana dos homens. A abertura ao transcendente como termo referencial de sua doutrina, proporciona condições melhores para a realização do ser humano.

Na busca de sentido para a vida, Frankl (1990), descreve duas técnicas importantes para alcançar este objetivo. A primeira é a intenção paradoxal, que foi elaborada e publicada inicialmente em 1939. Descreve a capacidade do indivíduo em se autodistanciar das situações de angústias e através do emprego do humor mobiliza a sua recuperação. A segunda é a auto-transcendência, uma tensão para a busca de um significado para a vida, um transcender-se da situação real vivida afim de buscar um sentido.

A auto-transcendência do humano é um fator determinante do ponto de vista antropológico do autor. Esta busca do sentido através da auto-transcendência, segundo Frankl (1992), pode acontecer por três caminhos: descobrindo um sentido no que se faz ou crê, um sentido em viver algo ou amar alguém e em situações de sofrimento em que o indivíduo enfrenta com uma atitude de sentido, permitindo-lhe dar o testemunho do qual só ele é capaz – “quando se tira do homem a sua culpa, tira-se

dele também sua dignidade” (FRANKL apud LUKAS, 2005, p. 9). Complementa dizendo que a auto-transcendência é a essência da existência humana, ou melhor, de que o essencial não é a duração da vida, e sim a plenitude de sentido.

[...] "auto-transcendência" da existência. Isso quer dizer que ser humano significa dirigir-se para além de si mesmo, para algo diferente de si mesmo, para alguma coisa ou alguém...com base na sua auto-compreensão ontológica pré-reflexiva, tem conhecimento de que ele se auto-realiza precisamente na medida em que se esquece de si próprio; e ele se esquece de si próprio novamente na medida em que se entrega a uma causa à qual serve, ou a uma pessoa que ama. (FRANKL, 1992, p. 77-78).

A questão do sentido possui significação vital para cada homem não sendo condicionada pela idade, sexo, meio cultural e formação intelectual. Frankl (1990) considera o humano aquele indivíduo que se interroga, consciente ou inconscientemente, acerca do sentido. Com a obra "*A presença ignorada de Deus*" (1992), vai às profundezas do espírito humano ultrapassando as fronteiras do psicofísico em direção à consciência, ao inconsciente espiritual e à existência humana – à pessoa profunda.

A consciência vai além das funções de mera censuradora, para dar sentido e apontar valores. Segundo Rogers (apud JUSTO, 1975), a consciência é muito importante para o humano porque é através dela que há o conhecimento de si mesmo.

A consciência, porém, não apenas nos leva à transcendência, como também se origina dentro da transcendência; portanto, a consciência é onticamente irreduzível. Para a problemática sobre a origem da consciência não há nenhuma saída psicológica ou psicogenética, apenas uma resposta ontológica. (FRANKL, 2002, p. 95).

O homem é visto com uma imensa vontade de sentido, sendo esta frustrada sempre que ele é tomado pelo sentimento de falta de sentido e de vazio. O

sentido é algo a ser encontrado por cada indivíduo, próprio de cada pessoa, que é realizado pela própria consciência. Por isso, a consciência é vista como o “*órgão do sentido*”. Ressalta que é concedido e permitido ao homem lutar e obter sentido para sua vida até o último instante (FRANKL, 1991).

A questão do sentido do mundo é o supra-sentido, pois o sentido do todo já não é apreensível, é mais do que apreensível, argumentando com as palavras: “[...] a entrada na dimensão supra-humana, efetivada na fé, funda-se no amor” (FRANKL, 1989, p. 64).

Frankl (1992) complementa que é no inconsciente espiritual que a existência humana manifesta a presença de Deus. Constrói o conceito de “*inconsciente transcendental*”, que remete não somente à dimensão da religiosidade, mas também à dimensão intelectual e artística – tão importante para a realização do sentido. Ultrapassando a visão de homem máquina e do “*homo natura*”, encontra o “*homo humanus*”, aquele que anseia pelo espiritual e vai além do impulso para eternizar uma idéia, uma obra ou alcançar o Eterno, o supra-sentido, no seio do próprio Deus. Com isso, a logoterapia propõe um aprofundamento no entendimento do humano.

A Logoterapia, portanto, é uma Psicologia que, sem perder o rigor científico, introduz a noção de transcendência na ciência do homem. Vai além da imanência, rumo à transcendência, transformando-se numa mensagem libertadora do ser humano, ao libertá-lo dos determinismos, tanto psicológicos como sociais (FRANKL, 1992,p.9).

A definição de religião, para Frankl (1995), aproxima-se muito das apresentadas por Albert Einstein (1950) “ser religioso significa ter encontrado uma resposta para a pergunta sobre o sentido da vida” e por Ludwig Wittgenstein (1960): “crer em Deus é ver que a vida tem um sentido”.

Frankl (1991) volta a se remeter a Albert Einstein, quando este coloca: “Qual é o sentido da vida humana? Vocês perguntam: por que nós precisamos formular essa questão? Eu respondo: o homem que considera a sua vida sem sentido não é apenas infeliz, ele é também incapaz de viver”. Também apóia-se na afirmação de Nietzsche: “quem tem algo por que viver é capaz de suportar qualquer coisa”. Frankl (apud XAUSA, 1989) observou que os prisioneiros do campo de concentração que perdiam a fé no futuro estavam condenados a definharem, confirmando a estreita relação existente entre o ânimo de uma pessoa, seu valor e suas esperanças. De forma instintiva, sua sobrevivência, e a de seus companheiros que resistiram, devia-se ao sentido que lhes dava capacidade de transcender aquela situação, através do sofrimento, numa atitude intencional e livremente aceita rumo a um valor mais alto.

Frankl encontrou um sentido para realizar, mesmo estando naquela espécie de vida subumana e percebeu que todo aquele que também encontravam sentido adquiriam forças para sobreviver ao infortúnio. Assim a resposta ao sentido da vida é mobilizadora de forças vitais e, em contrapartida, a ausência de sentido na vida, ou o vazio existencial é capaz de causar enfermidade.

A concepção puramente científica do homem tende a compreender dados que possa medir e observar, sem referência à uma realidade última, transcendente. A visão de Frankl envolve uma concepção ontológica, que não é apenas verificável na experiência sensível, mas leva em consideração os caracteres essenciais e intrínsecos assim como o conteúdo inteligível desse ser chamado homem. Ocupa-se com os seus fundamentos, com o seu sentido de vida e com os valores transcendentais.

Vivemos na era da sensação da falta de sentido. Nesta nossa época a educação deve procurar não só transmitir conhecimento, mas também aguçar a consciência, para que a pessoa receba uma percepção suficientemente apurada, que capte a exigência inerente a cada situação individual. Numa época em que os Dez Mandamentos parecem perder sua validade para tantas pessoas, o ser humano precisa ser capacitado a captar os 10.000 mandamentos que se ocultam de forma cifrada em 10.000 situações com as quais ele se confronta na vida...De uma forma ou de outra, mais do que nunca a educação é educação para a responsabilidade.

(FRANKL)

6 AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL PARA A EDUCAÇÃO

Frankl (1992) acredita que a educação é educação para a responsabilidade. Isso se dá porque, segundo o autor, vivemos numa sociedade de “*superabundância*” de bens materiais e de informações, numa enxurrada de estímulos sensoriais. Para subsistir a tudo isso é necessário o “ser responsável” para poder definir o que é importante e o que, o essencial e o que não o é, ou seja, o que tem e o que não tem sentido.

Segundo Tedesco (1998), o problema mais importante a ser solucionado pela escola atual é como promover o desejo de saber diante do excesso de informação que circula na sociedade e de como formar os quadros de referência para processar a informação disponível.

A responsabilidade, virtude especial da logoterapia, com origem na consciência seria “...aquilo por que somos ‘atraídos’ e a que ‘nos subtraímos’...”

(FRANKL,1989, p. 83). Ou seja, a essência da responsabilidade descreve algo de temível e ao mesmo tempo algo de sublime. Ao temível destaca que a cada momento se “*arca*” com a responsabilidade do momento seguinte e que as decisões incluem escolher apenas uma entre milhares de possibilidades. Sublime porque o futuro, tanto do próprio indivíduo como das coisas e dos homens que o rodeiam, em certa medida, mesmo que pequena, depende da decisão que este humano toma em cada instante.

Uma característica do horizonte pressuposto por nós seria que a existência humana no fundo significa existência responsável e que o homem, em última análise, é um ser que luta espiritualmente pelo sentido concreto de sua existência pessoal (FRANKL, 1991, p. 11).

Frankl (1991) vê a educação como parte de uma sociedade atual, em que as pessoas encontram-se em crise espiritual, sendo de extrema importância o combatê-la. Complementa que não só os médicos são responsáveis, mas também os círculos político-culturais e os religiosos devem ter consciência de suas responsabilidades frente a esta realidade, sendo importante salvar esta humanidade, principalmente através da educação. Destaca que após tanto tempo com ausência do “ser responsável”, caberia uma educação com a presença de responsabilidade. Faz um alerta sobre a postura do pesquisador que acredita não ter muito de si próprio para oferecer, colocando-o no mesmo patamar do professor, visto que ambos têm que servir à prática. Complementado que: “...o mundo está numa situação ruim. Porém, tudo vai piorar ainda mais se cada um de nós não fizer o melhor que puder” (FRANKL,1991, p. 129).

Frankl (1989), vê o homem do século XX desenraizado dos valores tradicionais sobre o que deveria fazer. Acredita que não existindo mais imperativos da tradição, o homem não sabe mais o que quer fazer. E o resultado viria acontecendo

sobre dois pontos: ou faz o que os outros fazem – conformismo - ou então faz o que os outros impõem que ele faça, o que vem a ser totalitarismo.

Para Postman (2002), a crise da escola moderna está na clausura em ter que realizar seu trabalho de acordo com o que a sociedade impõe. Acredita que a escola não deveria ocupar uma única posição, podendo refletir em diversas ocasiões e locais uma liberdade de ação. No entanto, a escola se apresenta com conteúdos não inventados por ela, mas impostos pela sociedade:

[...] por isso é que os deuses da Utilidade Econômica, do Consumo, da Tecnologia e do Separatismo são encontradas em nossas escolas agora, exercendo sua força e impondo vassalagem. São deuses que vêm de fora das paredes da sala de aula. (POSTMAN, 2002, p. 62-63).

Jaqueline Palmade (2001) faz uma análise da família no momento atual concluindo que a perda do sentido e dos valores transcendentais – ética, moral e religião – tem causado problemas no âmbito social e educacional. Classifica os discursos da pós-modernidade da seguinte maneira: perda de fundamentos, da transcendência, da sublimação, como perda de sentido; o enfraquecimento do laço social; clivagem das identificações sociais e fragilização das bases identitárias.

Para Frankl (apud XAUSA, 1989), não há nada de patológico em questionar sobre o sentido da vida, e também não é patológica a necessidade do homem em lutar por um conteúdo de vida. Essa indagação sobre o sentido se faz mais aguda em algumas épocas ou momentos de crise e se propõe mais em algumas fases etárias do homem. Assim, nos jovens, cuja realização pessoal está em questão, a pergunta pelo sentido da vida é mais aguda. O autor complementa que esta carência de sentido não tem ajuda da tradição, levando o jovem para as drogas, a agressividade descontrolada e até às tentativas de suicídio. Com isso, surge a pergunta de como os

educadores tentarão compreender o jovem desta geração, sem tradições, quase imerso num naufrago existencial.

Não se tem mostrado suficiente tratar o jovem segundo a idéia de Freud e de alguns autores no entendimento do humano, ou seja, de que os sentidos e princípios não são outra coisa além de mecanismos de defesa, formações e sublimações de reações. Frankl (1989) considera a busca de sentido da vida como uma força primária e não uma racionalização secundária de seus impulsos instintivos. A logoterapia está assentada nos três pilares: a liberdade de escolha, a vontade de sentido e o sentido da vida. Sendo este último a principal força motivadora no ser humano. O que impulsiona o homem seria não a vontade de poder, nem a vontade de prazer, mas sim a vontade de sentido, que é a razão para ser feliz. O homem não é impelido pelo impulso, mas puxado pelos valores.

Frankl (1989) coloca que a procura de sentido é uma característica distintiva do ser humano, ou seja, descreve que nenhum outro animal jamais se preocupou com o fato de que sua vida tivesse ou não um significado. Abraham Maslow (apud FRANKL, 1989) complementa esta idéia escrevendo que o homem sempre procura um significado para a vida, em outras palavras, que “*a vontade de sentido*” é um “*interesse primário do homem*”. A teoria da motivação de Maslow mostra que o desenvolvimento do humano ocorre no comprimento das seguintes necessidades: fisiológicas, de segurança, de amor, de estima e de auto-realização. A auto-realização, em última instância, reflete o intuito de buscar um sentido para a vida.

Com isso, na mesma direção de Frankl, Abraham Maslow (1998) desenvolve sua teoria da motivação, descrevendo o processo pelo qual o indivíduo progride das necessidades básicas, tais como alimentação, para as necessidades mais

elevadas, num processo de auto-realização que permite o desenvolvimento do potencial humano.

O interesse na auto-realização do aluno dá condições para uma aprendizagem no tipo “continuum”, isto é, aquela que leva à satisfação de objetivos do aprendiz, estimulando a criatividade, a imaginação, a consciência de si como um ser existindo no mundo e capaz de transformá-lo, capaz de realizar suas próprias escolhas e responsabilizar-se por elas, podendo tornar-se um “bom acolhedor” (MASLOW, 1991, p.13).

Segundo Morais (1986), devemos tomar cuidado com o ensino que visa o instruir, visto que “[...] a instrução é um componente do ensino, mas fique claro que o apenas instruir visa à erudição, enquanto o amplo ensinar visa à compreensão, à sabedoria de vida “ (MORAIS, 1986, p. 5).

Frankl (1989), desenvolveu a logoterapia preocupando-se não só com o ser mas também com o sentido, o “*logos*” precisamente. A vontade de sentido não se dá apenas com um entendimento de um fato, e sim quando o homem é capaz de aspirar, encontrar um sentido para a sua vida e atingir plenamente este sentido, realizando-o.

Esta vontade de significar, segundo Frankl (1989), tem sido frustrada nas condições da vida moderna, caracterizando, durante a última década, a “*frustração existencial*” como substituidora da frustração sexual existente durante o tempo de Freud. A outra mudança seria em relação aos sentimentos de inferioridade descritos na obra de Adler, ou seja, que atualmente os sentimentos encontram-se ligados a um profundo sentimento de futilidade, de falta de significação e de vazio, um “*vazio existencial*”.

[...] por vontade de sentido não se entende senão um fato, que se confirma mediante uma análise fenomenológica; o fato de que o homem, no fundo, sempre aspira a encontrar um sentido para a sua vida e a atingir plenamente esse sentido, realizando-o (FRANKL, 1989, p. 322).

Dentro da logoterapia, o sentido não significa algo abstrato; ao contrário, é um sentido totalmente concreto, o sentido concreto de uma situação com a qual uma pessoa também concreta se vê confrontada. Este sentido concreto está ligado às influências da fenomenologia, a qual visa mostrar e descrever com rigor, apresenta intencionalidade da consciência, propõe a intuição da essência e as regiões do ser, as reduções e o ego transcendental (CAPALBO, 1996).

A prática educativa envolve um “*que-fazer*” humano, que se dá no tempo e no espaço, entre educador e educando. Não pode haver uma teoria pedagógica, implicando meios e fins da ação educativa, que esteja isenta de uma visão de homem e de mundo.

Merleau-Ponty (1999), na obra *Fenômeno da Percepção* procura compreender o homem e o mundo na sua “*facticidade*”, na sua concretude e na sua vivência. A fenomenologia é a filosofia da essência, da transcendência, vindo de encontro ao pensamento de Viktor Frankl.

Heidgger (1970) chama “*Dasein*” (estar aí) o lugar onde a estrutura do ser é manifestada: “*a essência do ‘ser aí’ está na existência*”. Só que, o “*Dasein*” é dado ao homem dentro de si mesmo. O problema existencial da busca de dar sentido para a vida e a procura existencial para a vida são características do humano.

O conceito de significado último, o qual está ligado ao tema religião, é visto como uma dimensão mais alta, uma dimensão inclusiva. Para Frankl (apud NEEDLEMAN; LEWIS, 1982), isto demonstra que o verdadeiro cientista não nega a priori a possibilidade de outra dimensão e o verdadeiro religioso também não deve negar a realidade que foi cientificamente estabelecida.

Para a constituição do sentido existem dois conceitos importantes a finitude e a temporalidade. Em outras palavras, finitude seria o sentido da existência humana fundar-se no seu caráter irreversível e temporalidade significaria compreender a responsabilidade como essencial para uma vida que se vive apenas uma vez (FRANKL, 1989).

Segundo Novaes (1999), o desafio atual da educação é o de incentivar caminhos criativos para a construção de um futuro com esperança, onde se possa articular ciências, artes, tecnologia e crença. E esta visão de futuro incluiria uma postura lúcida, crítica e realista, sendo capaz de perceber o que é essencial para a sobrevivência da humanidade, respeitando valores, aproveitando erros históricos, procurando novas e significativas alternativas de convivência humana. Considera os avanços científicos, a alta tecnologia, a modernização e a globalização como não contribuidores para uma sólida revisão dos valores humanos, não garantindo uma sociedade consciente, responsável e esperançosa. A solução estaria em uma visão transdisciplinar ética na análise destes avanços.

Bertan (2002), coloca que o homem deve ser capaz de dar a vida por alguma coisa; quem não está disposto a dar a vida por alguma coisa, não é livre, mesmo se estiver em um horizonte limitado, deverá fazer de tudo para superá-lo. Para o autor, a civilização moderna, ao mesmo tempo, que socializou o homem, também o despersonalizou. Acredita que o principal responsável pela conquista da liberdade e da educação é o próprio homem. Descreve a educação como um educar para a cidadania, sem manter as pessoas passivas e dependentes de quem sabe mais. Nenhum fator externo pode determinar a liberdade do sujeito na sua relação com o outro, com o

mundo e com a sociedade . A liberdade fundamenta-se na intersubjetividade geral e do presente (BERTAN, 2002, p. 31).

Para Frankl (apud FIZZOTTI, 1996), a logoterapia vê a liberdade inseparável da responsabilidade. E, assim, seremos livres à medida que continuarmos “*senhores de nós mesmos*”, de nosso destino, conscientes do papel que vivemos a cada momento.

È evidente que a concepção científica do homem fornecerá dados inestimáveis e sempre novos em relação aos meios e problemas educacionais, mas por si só não é suficiente, visto que o norteador da educação envolve concepções filosóficas, sendo necessário conhecer o que é o homem, qual os seus valores e qual a sua finalidade de vida. A dimensão antropológica do homem sobre o existir é fundamental, bem como a dimensão axiológica que envolve as questões de valores. Por isso, Maritani (1968,p. 39) diz: “A vida também existe para um fim que a torna digna de ser vivida”. A essência da educação consiste primeiramente em formar um homem, em preparar e construir um cidadão. Preparar para a comunidade, preparar para a vida, requer, antes de tudo, a educação voltada para a pessoa. Para Morin, 2000, p. 47: ” A educação do futuro deverá ser ensino primeiro e universal, centrado na condição humana”.

[...] é necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, dividir, comunicar, comungar; é o que se aprende somente nas – e por meio de – culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos no planeta Terra, não mais somente perceber a uma cultura, mas também ser terrenos. (MORIN, 1921, p. 76).

A filosofia do sentido da vida de Frankl está perfeitamente alinhada com a concepção filosófica do humanismo. Portanto, o papel da educação é visto

essencialmente como humanizante, para que contribua na construção do cidadão e do ser que busca um sentido para a vida.

Frankl não parte de uma visão pessimista e trágica da existência humana, de uma pedagogia do fracasso, mas sim de uma pedagogia da esperança. As crises e os fracassos existem, mas, para que as crises e os fracassos possam ser momentos frutíferos, torna-se necessário ter uma visão esperançosa da existência. “A esperança nasce da tomada de consciência, de nossas carências, no sentido de que só quando refletimos sobre o nosso inacabamento é que estamos sendo chamados a agir. (FURTER, 1966, p. 98)”.

A esperança se apresenta como uma virtude, isto é, como uma construção da consciência moral. Não é uma escolha de encontrar facilidades, mas a coragem de enfrentar as crises, os problemas e os obstáculos. A esperança é a garantia do possível, de aceitar o risco, e olhar para a frente, para o futuro, a maneira de ir além, de se ultrapassar, de transcender. O mesmo autor conclui: “Portanto, a esperança nunca pode ser um falar sobre a existência, mas tem suas raízes numa aceitação radical da nossa existência, na qual estamos descobrindo o que está em jogo na nossa vida. (FURTER, 1966, p. 99)”.

A esperança é um olhar de uma significação para a nossa existência, é uma maneira de viver a vida. Este toque de esperança apoderou-se de Frankl. Ao se encontrar no campo de extermínio, encontrou forças para sobreviver porque tinha muitas contribuições a dar ao mundo.

A esperança dá suporte para o aperfeiçoamento do homem, para enfrentar os riscos e constatar que é possível transformar o mundo. Essa virtude foi à mola propulsora de Frankl.

Infelizmente, atualmente em nossas escolas se fala muito pouco das práticas das virtudes. Isso não significa que não precisamos mais delas, muito pelo contrário, são importantíssimas para a vida. A virtude, para Comte-Sponville (1999, p. 7): “[...] é uma força que age ou que pode agir”. É a força que leva o homem a querer agir humanamente.

A existência é desenvolvida pelos desejos humanos, que fazem o homem um ser de aspirações, imaginando um mundo diferente. As virtudes são nossos valores morais vividos, mas em atos. E, a esperança é uma virtude que está num devir, mas a esperança tem as suas raízes na própria existência.

Faus (2005, p. 4) afirma: “[...] o melhor educador é o exemplo. As palavras ensinam, mas os exemplos arrastam”. Essa máxima se aplica para Frankl. É necessário que os educadores vivam primeiro aquilo que pretendem que os alunos vivam depois. Assim serão contagiados. As virtudes dos mestres são o modelo fundamental para os discípulos.

Pelo significativo de livros publicados, pelos artigos escritos, pelas palestras realizadas, pelas atividades acadêmicas percorridas e desenvolvidas, pelos benefícios realizados na sua vida, mesmo nos campos de concentração, pela honestidade, solidariedade, respeito, lealdade, humildade e tantas outras virtudes, Frankl serve com modelo para todos nós. Foram 92 anos de vida, fundamentada em muito trabalho e produções.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando todas as obras de Frankl que foram possíveis, constata-se uma convergência dos conteúdos delas em direção ao foco principal da pesquisa que é o sentido da vida. Frankl retoma uma questão fundamental que preocupava o grande filósofo grego Platão: “qual é a finalidade da vida?”

Se o fim principal da vida é a felicidade, questão que foi muito debatida não só por Sócrates como também por Aristóteles, deduz-se que para se conseguir a felicidade é fundamental que a vida do ser humano tenha um sentido. Esta questão fica muito bem expressa no direcionamento que Frankl dá às suas obras.

Uma das metas da escola deve ser justamente a de levar uma mensagem aos alunos que busquem um sentido para a vida neste mundo tão perturbado e globalizado. As pessoas normalmente estão envolvidas com outros setores, que, muitas vezes, trazem muito mais perturbações do que felicidade. Não se pode deixar de citar às questões das drogas, do alcoolismo, do consumismo e do utilitarismo, como também a influência da mídia eletrônica que freqüentemente transmite imagens distorcidas da busca da felicidade e de um sentido consistente da vida.

Não se pode ficar brigando por fórmulas ou receitas para resolver os problemas, a direção da educação nas escolas deve ser baseada em valores, idéias e conclusões verificadas de forma mais profunda em sala de aula. Não há como praticar qualquer ação sem que se tenha que perguntar pelo seu significado, pela sua

finalidade, pelo seu sentido. Toda filosofia de Frankl gira em torno disso. A filosofia e o seu exercício no filosofar implicam a pergunta explícita e consciente pelo sentido das coisas, da vida e da prática humana. A filosofia é a resposta de refletir criticamente e de explicar teoricamente ao significado da vida humana e a sua mais alta expressão.

Tanto a fenomenologia, quanto o existencialismo e o humanismo, suportes filosóficos de Frankl, têm condições de responder tais questionamentos em sala de aula pela prática pedagógica do próprio professor, pois é ele que atua em sala de aula com os alunos. É ele que vai participar do currículo construído e vivido, que será desenvolvido junto dos alunos. É evidente que essa ação do professor vai depender de sua prática pedagógica, do seu conceito de educação, dos princípios que são apresentados em sala de aula e, principalmente de sua filosofia de vida. Por isso, em sala de aula o professor poderá estar doutrinando, domesticando ou libertando os alunos.

Em síntese, Frankl contribui na prática educativa do educando com os caminhos para sentido da vida, que ocorrem através do trabalho, doando-se à alguém ou encontrando sentido até no sofrimento, e com a auto-transcendência, capacidade de transcender as dificuldades da vida e encontrar uma saída, os quais são fundamentais para a filosofia de vida do professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **História da Filosofia**. 4. Ed. Lisboa, Portugal: Presença, 2000.
- ABRÃO, B. S. (org). **A história da filosofia**. São Paulo: Nova Cultura, 2004.
- BERTAN, L. et al. **Educação, Sociedade e Cidadania**. Londrina: UNOESTE, 2002.
- BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BRUZZONE, D. **Autotrascendenza e formazione. Esperienza esistenziale, prospettive pedagogiche e sollecitazioni educative nel pensiero di Viktor E. Frankl. Vita e pensiero**. Milano, 2001.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. 9.ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- CAPALBO, C. Fenomenologia e educação. **Fórum Educacional**, v. 14, n. 3, 1990.
- CAPALBO, C. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. 3.ed., Londrina: Ed. UEL, 1996.
- COMTE-SPONVILLE, A. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 3.ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
- FAUS, F. A. **A força do exemplo**. São Paulo: Quadrante, 2005.
- FRANCA, L. **Noções de história da filosofia**. 19.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- FRANKL, V. E. **Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl**. Trad. Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- FRANKL, V. E. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia**. Trad. Renato Bittencourt. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1978.
- FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. Tradução Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. São Leopoldo: Editora Sinodal. Petrópolis: Vozes, 1992.
- FRANKL, V. E. **A psicoterapia na prática**. Campinas: Papyrus, 1991.

- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 2.ed. Tradução Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FRANKL, V. E. **Logoterapia e Análise Existencial**. Tradução Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Editorial Psy II, 1995.
- FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial**. 3.ed. São Paulo: Quadrante, 1989.
- FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida: Psicoterapia e Humanismo**. Aparecida – SP: Editora Santuário, 1989.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FIZZOTTI, E. **Conquista da liberdade: proposta da logoterapia de Viktor Frankl**. Tradução Silva Debetto C. Reis. São Paulo: Paulinas, 1996.
- FURTER, P. **Educação e vida**. Petrópolis: Editora Vozes, 1966.
- GILES, T. R. **O que é filosofar?**. São Paulo: EPU, 1984.
- GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1975.
- HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- INVITO, G. Jean-Paul Sartre. “Deus não existe”: a indemonstrabilidade de uma certeza. In PENZO, G.; GIBELLINI, R. **Deus na filosofia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998.
- JUSTO, H. Carl Rogers. **Teoria da Personalidade: aprendizagem centrada no aluno**. Porto Alegre – RS: Livraria S. Antônio, 1975.
- LOMÔNACO, J. F. B. Psicologia e Educação: Hoje e Amanhã. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v. 3, n. 1, p.11-20, 1999.
- LUKAS, E. **Histórias que curam... porque dão sentido à vida**. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.
- MARITANI, J. **Rumos da educação**. 5.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1968.
- MARQUES, R. **Dicionário breve de pedagogia**. Lisboa: Editorial Presença, 2000.
- MASLOW, A. **El hombre autorrealizado**. Buenos Aires: Kairos, 1991.

- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MODIN, B. **O homem: quem é ele?: elementos da antropologia filosófica**. São Paulo: Paulus, 1980.
- MORAIS, R. **O que é ensinar**. São Paulo: EPU, 1986.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.
- NEEDLEMAN, J.; LEWIS, D. (Org.). **No caminho do autoconhecimento: as antigas tradições religiosas do oriente e os objetivos e métodos da psicoterapia**. Tradução Adelaine Petters Lessa. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1982.
- NOVAES, M. H. Caminhos para a Construção de um Futuro com Esperança. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, v. 3, n. 1, p. 71-75, 1999.
- OSMON, H. A.; CRAVER, S. M. **Fundamentos filosóficos da educação**. 6.ed., Porto Alegre: Artmed, 2004.
- POSTMAN, N. **O fim da educação: redefinindo o valor da escola**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.
- ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. 4.ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1971.
- ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ROGERS, C. R. **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo: A imaginação; Questão de método**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. 4.ed., Lisboa: Presença, 1970.
- SARTRE, J. P. **O ser e o nada**. 3.ed., Petrópolis, Vozes, 1997.
- SUCUPIRA FILHO, E. **Introdução ao pensamento dialético**. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.
- TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo – educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

VEICHEDEL, W. **A escada dos fundos da filosofia**: a vida cotidiana e o pensamento de 34 filósofos. 2.ed. São Paulo: Angra, 2000.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.